

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Rebeca Signorelli Miguel

**ESCOLA FREINET E ESCOLA
TRADICIONAL: traçando
caminhos sobre a violência na
escola**

Campinas
2010

Rebeca Signorelli Miguel

**ESCOLA FREINET E ESCOLA
TRADICIONAL:
Traçando caminhos sobre a
violência na escola.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título De Licenciado em Educação Física.

Orientador: Elaine Prodócimo

Campinas
2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M588e Miguel, Rebeca Signorelli.
Escola Freinet e escola tradicional: traçando caminhos sobre a
violência na escola / Rebeca Signorelli Miguel. -- Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física escolar. 2. Violência. 3. Agressividade. 4. Freinet,
Método de educação. 5. Pedagogia tradicional. I. Prodócimo, Elaine. II.
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III.
Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Freinet School and traditional school: tracing paths of violence in school.

Palavras-chave em inglês (Keywords): School Physical Education; Violence; Agressiveness; Freinet,
Method of education; Traditional pedagogy.

Banca Examinadora: Elaine Prodócimo; Eliana Ayoub.

Data da defesa: 03/12/2010.

Rebeca Signorelli Miguel

**ESCOLA FREINET E ESCOLA TRADICIONAL:
traçando caminhos sobre a violência na escola.**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Rebeca Signorelli Miguel e aprovado pela Comissão julgadora em: ___/___/___.

Elaine Prodócimo
Orientador

Eliana Ayoub

Campinas
2010

Dedicatória

À:

Os que lutam

**"Há aqueles que lutam um dia; e por isso são bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis."
(BERTOLD BRECHT)**

**Militância:
De ser professor...**

Agradecimentos

Agradeço a todos meus amigos e colegas, e mais que isso, à todas as pessoas que passam e passaram pela minha vida, fazendo com que eu me modifique e aprenda cada vez mais. Algumas dessas pessoas merecem um parágrafo!

Às minhas amigas (Dani, Lulu, Ana, Laís, Isa, Lu) que me mostram que uma família vai muito além da genética: apoio, cervejas, ombros, energia, presença distante!

Aos meus amigos Rodrigo, PH (super companhia, merece uma página de agradecimentos), Pedro, Alê, Lauren, Sol, Janir, Pintor, Rafa, Pizzani,... A construção das lutas é feita dia-a-dia, junto com a construção da amizade, do samba, do apego, da risada. Obrigada por me fazerem menos “ET” neste lugar!

Ao CAEF que muito me ensinou sobre militar e que me guiou em possibilidades e discussões. “Somos Arco Somos Flecha” “Vamos limpar o salão Para um desfile melhor”, “Da luta não me retiro”.

Às amizades conquistadas na FEF: Bia (apesar dos desencontros), Carol, Fer (filhota!), Carol (nora), Pedrão, André, Mari, Marise,... (desculpa se esqueci alguém, quem merece estar aqui sabe que merece!) Só o carinho de um abraço já é suficiente para demonstrar toda a amizade e o amor.

Aos funcionários da FEF que tanto fazem nos bastidores e fora deles.

À minha família, especialmente aos meus pais, que foram os que mais fomentaram tantas práticas corporais desde pequena, e assim, me apaixonei. Além disso, obrigada por tudo, ainda mais pelas possibilidades e pelo convívio de família! Amo vocês.

Ao meu irmão, por todo potencial, todo amor, toda folga e todas as conversas tão profundas: confio em você e me orgulho!

Aos professores que passaram pela minha vida: muito me mostraram sobre a tarefa de ser professor.

Em especial à alguns professores da FEF: Nana (por mostrar a compreensão), Jocimar (por apoiar a militância e promover discussões sempre), Carminha (pelo carinho, pela admiração), Mara Patrícia (pela disponibilidade e pela energia, pela sintonia), Lino (pela bravura de um militante, pelas aulas fantásticas), Silvia (pela disponibilidade da discussão), entre outros...

À greve de 2007 e todos os grevistas que ali lutaram: muito aprendizado.

Ao meu namorado, Alê, Lindo, que me mostra a leveza, me acompanha, me energiza: juntos batalhamos pela nossa vida tão desejada, e desejamos nossa vida tão batalhada.

Ao samba de segunda-feira e todos que participam e o constroem: quanta inspiração, quanta energia, quanta diversão, quanta cultura, quanta gente, quanta esperança.

Ao violar e à Áurea, obrigada pela recepção e pelo universo em construção.

À Elaine, a mãe acadêmica, minha orientadora, que me acompanha de Curitiba à Belém, que me agüenta nas sextas à noite e até nas ressacas das sextas de manhã. Quanta admiração. Obrigada pela orientação há tanto tempo e além de tudo, pelo carinho.

MIGUEL, Rebeca Signorelli. **Escola Freinet e Escola Tradicional**: traçando caminhos sobre a violência na escola. 2010. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

Este trabalho discute a violência e a agressividade, temas tão atuais e polêmicos no universo das escolas hoje em dia, assim como as relações sociais que se estabelecem neste ambiente. As violências e a agressividade, de distintas formas, fazem parte do cotidiano escolar e cada vez mais geram dúvidas, incertezas e polêmicas, principalmente por parte dos professores. A pesquisa central deste trabalho estuda a agressividade em duas escolas com linhas pedagógicas distintas – pedagogia Tradicional e Freinet - trazendo perspectivas de como as escolas (professores, alunos, coordenação, direção), com orientações pedagógicas diferentes, reagem frente a esse tema. É possível efetivar uma prática pedagógica de modo a diminuir esses impactos que a escola atualmente estabelece já que o caminho que a escola segue e o modo de intervir na vida daqueles sujeitos (alunos) são essenciais para o tipo de educação que irão receber e a vida que ali experienciam. Nessa perspectiva, este trabalho traz possibilidades de aulas de Educação Física escolar que visem também às relações sociais e não somente aos conteúdos programáticos, além de questões, temas e polêmicas acerca da Educação Física de modo mais amplo, principalmente a escolar. Nas escolas é possível presenciar as violências e as atitudes agressivas. Porém, discutimos aqui como é primordial ouvir, olhar, perceber e compreender: essência das relações humanas.

Palavras-Chaves: Educação Física escolar; violência; agressividade; pedagogia Freinet; pedagogia Tradicional.

MIGUEL, Rebeca Signorelli. **Freinet School and Traditional school**: tracing paths of violence in school. 2010. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

This paper discusses the violence and aggression, very current and controversial topics in the universe of today's schools, as well as social relations who settle in this environment. The violence and aggression in different ways, are part of everyday school life and increasingly generates doubt, uncertainty and controversy, especially from teachers. The research focus of this work studies aggression in two schools with different pedagogical lines - Traditional pedagogy and Freinet - bringing perspectives of how schools (teachers, students, coordination, direction), with different pedagogic approaches, react against this issue. You can accomplish a pedagogical practice in order to reduce those impacts that the school provides because path that follows the school and the way how to intervene in the lives of subjects (students) are essential for the type of education they receive and the life they will experience. Thus, this work provides opportunities for school physical education classes aimed also to social relations and not only the syllabus, but questions, issues and controversies about the physical education more broadly, especially to school. In schools it is possible to witness the violence and aggressive attitudes. However, as discussed here is essential listening, look, feel and understand: the essence of human relations.

Keywords: scholar physical education; violence; aggressivity; Freinet Pedagogy; Traditional Pedagogy

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quantidade de atos agressivos observados no recreio na Escola Freinet.....	59
Tabela 2 -	Revides por atos agressivos Escola Freinet	60
Tabela 3 -	Quantidade de atos agressivos observados no recreio na Escola Tradicional..	72
Tabela 4 -	Revides por atos agressivos Escola Tradicional	74

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF	Faculdade de Educação Física
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IC	Iniciação Científica
GEPA	Grupo de Estudos e Pesquisas em Agressividade
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 Apresentação.....	15
2 Introdução	17
3 Violência na Escola	21
3.1 Considerações acerca do fenômeno no <i>bullying</i> nas escolas.....	24
4 A Pesquisa de campo.....	37
4.1 Metodologia	37
4.2 A pedagogia Freinet	38
4.3 A pedagogia Tradicional.....	64
5 Considerações finais.....	81
Referências	84
Anexos	88
Apêndices	92

1 Apresentação

O interesse de escrever esta monografia de final de curso vem com a vontade de explorar um pouco de tudo que foi visto durante a graduação e seus espaços extra-curriculares nestes 5 anos no curso de Educação Física na Unicamp, num misto da formação em licenciatura e muitas disciplinas do bacharelado e mais muitas outras atividades fora do currículo acadêmico.

Acredito que aprendi e cresci muito com a graduação, porém, é importante salientar a importância destas atividades extra-curriculares - que diferentemente da graduação, dificilmente recebe alguma importância ou consideração - pois nestes espaços tive a oportunidade de aprender muito e de colocar em prática e refletir muitas das coisas que escreverei aqui neste trabalho.

A aproximação com o tema da violência e da agressividade no universo escolar se deu em 2008, quando por sugestão de colegas, indicação do Jocimar e admiração pela professora Elaine, passei a compor o GEPA (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Agressividade). Na primeira reunião deste grupo, em uma manhã de quarta feira, a conversa sobre o tema da violência e agressividade fluía, como sempre, e um questionamento me veio. Desde o primeiro ano da faculdade tive a experiência de trabalhar com recreação e nossa equipe fazia festas em um Buffet em Campinas. Por aquela ser minha principal fonte de reflexões da prática que estudávamos na faculdade, era impossível, naquele espaço do GEPA, não lembrar do comportamento das crianças, de suas práticas agressivas, de suas brincadeiras violentas, etc. Como são diferentes as crianças e os modos de se relacionarem em cada festa. Como as festas das crianças que estudam na mesma escola são parecidas. Este foi meu questionamento.

A princípio comecei a colocar tal indagação aos poucos na conversa com o grupo. Assim era possível dividir as experiências com os outros integrantes do grupo e fui percebendo como a escola realmente poderia interferir na relação entre os alunos. Meu questionamento ficou cada vez mais afluído, mais impulsivo, e só conseguia pensar nisso. Ao final da reunião quis ter uma conversa em particular com a Elaine, para que lhe mostrasse o que estava refletindo. Depois de muita conversa e algumas trocas de e-mails comecei a escrever o projeto de iniciação científica de título “Estudo da agressividade entre alunos do Ensino

Fundamental I, em escolas com diferentes linhas pedagógicas.” que seria entregue dali a exatamente 1 mês.

Demorou a chegar o resultado do CNPQ, mas enfim ele chegou positivamente e empolgada comecei a trabalhar na minha pesquisa com muito orgulho: tinha certeza que aquilo tinha a minha cara, que a idéia era minha, e que minha relação com minha orientadora (a Elaine) era a melhor possível, a relação de aprendizagem e de reflexão era intensa.

Logo após terminar o prazo do CNPQ para a conclusão da pesquisa, comecei a pensar na monografia: utilizaria o mesmo tema, porém de forma mais completa, o que não havia espaço no relatório final da Iniciação Científica.

O primeiro tema o qual traria para a monografia seria a questão do *bullying*, já que este tema teve enorme repercussão na mídia e no meio acadêmico principalmente em 2010. E assim comecei minha pesquisa acerca deste tema, a qual trago nesta monografia logo em seu início.

Assim que conclui minha pesquisa de IC com financiamento do CNPQ, era necessário, para a disciplina de estágio II da Educação Física, que fosse realizado durante um semestre um estágio em alguma instituição de ensino formal. Por conta de algumas indagações que esta pesquisa apresentada a seguir me trouxe, realizei este estágio em uma escola Freinet. O meu principal objetivo era entender como a Educação Física poderia ser moldada de acordo com a pedagogia da escola, e ainda, como, nestas aulas, se faria presente a questão da relação que se estabelecia entre os alunos, de que forma era possível, por meio da Educação Física, visar mais as relações sociais e ouvir mais os alunos, dando conta dos conteúdos dessa disciplina.

Por conta disto é que trouxe, em adendo, um relato da experiência deste estágio, pretendendo contribuir com a área da Educação Física e suas indagações, questionamentos, polêmicas, reflexões...

Considerando-me uma pessoa pouco satisfeita com as discussões já acabadas, com os questionamentos já respondidos, com a esperança já alcançada, confesso que modifiquei, busquei, reescrevi esta monografia até o último minuto que tinha para isso. Deste modo, considero também que as discussões apresentadas aqui não estão sanadas e nem supridas, de forma que me comprometo a sempre me indagar e pesquisar acerca dos temas aqui presentes, tanto academicamente quanto no exercício de minha profissão.

2 Introdução

A violência é tema de grande impacto na nossa sociedade hoje em dia, principalmente a ocorrida dentro das escolas, talvez por esta instituição sempre ter sido vista como o local que os alunos permaneciam sob maior controle possível e onde eram “educados”, ou melhor, disciplinarizados, para se enquadrarem nos padrões esperados para a sociedade de cada época.

Com todas as mudanças que esta sociedade atual apresenta (tecnologia, mulheres no mercado de trabalho, desemprego, capitalismo, globalização, entre outras), cada vez desesperam-se mais os pais, professores, diretores, e até especialistas desta área.

A fim de buscar uma reflexão e uma discussão sobre este tema, nesta monografia, uma pesquisa é descrita em meio a outras reflexões teóricas apresentadas. Na pesquisa, houve a intenção de analisar as escolas e os fatos violentos que ali ocorriam, porém também foquei minhas energias no entendimento de cada ato e procurei encontrar soluções ali para vários dos problemas apresentados no dia-a-dia do “ser docente” na escola, buscando sentir cada acontecimento ali presenciado.

No primeiro capítulo trago uma reflexão sobre a violência, ou melhor, as violências, na escola. Nele, não há grandes discussões ou revisões bibliográficas profundas, isto porque, a partir do que me chamou mais atenção neste último ano, decidi fazer uma pequena análise – essa sim, um pouco mais profunda -, a fim de fundamentar os meus pensamentos e angústias em relação a tal assunto. Este tema é o *bullying*. A intenção de tal tema nesta monografia foi de desconstruir o significado que este termo alcançou depois de tanto apelo midiático e confusões teóricas impactantes, buscando uma reflexão mais profunda e um pensamento mais voltado ao conceito inicial do termo, sem permitir a reconstrução do fenômeno apenas para servir à mercantilização e/ou busca pelo lucro.

No capítulo seguinte, o segundo, apresento minha pesquisa – já dita anteriormente – a fim de “redebater” questões “antigas”, as quais debati durante meu período de Iniciação Científica, porém faço agora com ressignificações e mais estudo. E com a finalidade de

ampliar e descobrir¹ os rumos e caminhos (ideologias, concepções, lutas) que sigo a partir dos estudos da graduação para a prática pedagógica se efetuar.

Neste capítulo estarão presentes, dentre simples explicações de cada pedagogia estudada na pesquisa, sentimentos, pensamentos, paixões e emoções que cada uma delas me causam², e a partir disso construo linhas de pensamentos e atitudes que me fazem refletir sobre os temas que aparecem.

Esta pesquisa, que recebe o título “Estudo da agressividade entre alunos do Ensino Fundamental I, em escolas com diferentes linhas pedagógicas” tem o objetivo de observar, em 2 (duas) escolas com linhas pedagógicas diferentes entre si (Freinet e Tradicional), de 1ª a 4ª série (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental a ocorrência da agressividade no meio escolar; verificar se as diferentes formas de ensino (linhas pedagógicas), influenciam na ocorrência da agressividade entre os alunos; e, ainda, conhecer como as escolas se colocam frente a esse problema, ou seja, como intervêm quando percebem a incidência de violências ou agressividade no ambiente.

Diante do quadro intenso de violências sendo presenciadas nas escolas e das reações agressivas presentes neste local, as questões levantadas são: há diferenças entre linhas pedagógicas distintas na forma como vêm e lidam com a agressividade? As escolas que se propõem a seguir estas linhas como têm reagido frente a questões que envolvem a agressividade? Como os alunos destas escolas se manifestam em situações de conflito?

Desta forma, buscando responder a estas questões e ainda, aprofundar no assunto das violências nas escolas, considero tal assunto polêmico e questionador quanto a suas “resoluções” e estudos. Neste pequeno percurso de alguns anos estudando as violências que permeiam o universo escolar, posso entender que nunca é suficiente e satisfatório dizer que achamos qual é o problema. Muito cuidado e muitas possibilidades me levam a um caminho mais justo, sem ter certeza de que estou “culpando” os que mais necessitam de atenção e olhar. O vício que a sociedade nos ensina (do controle, da manipulação, do mostrar como se faz, do determinismo de uma resposta só...) contamina todas as intervenções no sentido de estudar tal assunto tão polêmico. Por isso, a eterna busca pelo mais compromissado e justo, e menos contraditório, é essencial nestes estudos.

¹ Digo descobrir no sentido de deixar de cobrir, de pôr à mostra.

² Acredito que em toda pesquisa seja impossível deixar de lado tais relações que se estabelecem entre o pesquisador e a pesquisa, ou o objeto de pesquisa.

Assim, considero extremamente relevante as pesquisas nesta área pois sinto que devemos estar sempre questionando a ordem estabelecida afim de que as violências sejam menos comprometedoras com os menos favorecidos. E por isso, apesar de meus anseios, angústias e conquistas, não me sinto encerrada neste assunto e sei o quanto tal pesquisa se faz importante na educação hoje em dia.

No último capítulo, por fim, tentando finalizar a monografia sem deixar de lado tais pensamentos e sentimentos que falei anteriormente. Trago, de uma forma não muito extensa, como o tema da violência e da agressividade pode ser realocado e direcionado para temas das relações sociais dentro da escola. Procurarei mostrar neste capítulo que é possível trabalhar a violência sem ao menos citá-la, mas sim intensificando as relações na escola a fim de promover maior contato e conhecimento entre as pessoas e uma melhor resolução de conflitos a partir de quem os alunos são. Essas reflexões que trago descritas neste último capítulo da monografia, são aquelas presenciadas durante um dos estágios supervisionados, em que isso me chamou muita atenção. Por isso, é impossível deixar de lado questões a respeito da própria Educação Física escolar, área para a qual pretendo me dedicar de agora em diante, a partir da apresentação deste texto. Sigo então, neste capítulo também, essa perspectiva, e trago polêmicas e tensões que se estabelecem – dentro e fora da universidade e da escola – no universo da Educação Física, que dizem muito respeito ao histórico que tal disciplina traz consigo e à visão que a sociedade hoje em dia veicula e reproduz em relação às práticas corporais.

Confesso que durante a escrita de toda a monografia não me esforcei em reprimir os sentimentos, angústias e frases/poemas/palavras/lembranças que me surgiam. Pois como afirmarei durante todas essas páginas: sentir, se afetar, batalhar, ouvir, perceber... são primordiais para o exercício de ser professor - ou para a militância que o “ser professor” necessita.

3 Violência na escola

Quem ainda não ligou a televisão e viu cenas de violências, sejam em filmes, documentários, propagandas ou novelas? Violências estas vindas de garotos e garotas em idade escolar? Quem nunca viu nos telejornais ou jornais impressos reportagens sobre a violência dentro da escola?

Este tema cada vez mais influencia a visão em relação à escola, preocupa pais e educadores, que, desesperados, tem dificuldades no modo como reagir. A violência toma conta da escola. A violência também pode partir da escola.

A escola é um local, que por si só, com suas relações, sua dinâmica e seu funcionamento, já gera violências que se fazem presente dentro dela. Há reprodução das violências externas. Há produção de violências internas e próprias.

Com essa grande incidência da violência na escola, e cada vez mais explícita para a sociedade, a qual assiste em casa tais cenas e notícias embutidas a tanta falácia e opinião, acha, ou é levada a achar, diferentes “culpados” para tal acontecimento. Às vezes são os pais, outras os alunos, julgam-se as “ganges” (ou grupos de amigos), condenam-se os vídeo-games. Mas na verdade, nenhuma dessas pessoas conseguem estabelecer uma reflexão e uma visão do assunto que mostre quem é o “culpado”, isso porque não existe esse único e condenado culpado a que procuram. Nenhuma fórmula mágica tirará a violência das escolas.

Fato interessante tantos desses “culpados” citados acima aparecerem. Porém, poucos notam que existem outros “culpados” que evidenciaríamos melhor toda essa trama, esse diagrama de relação de forças e de poder que estruturam ou desenham as violências que acontecem na escola. A violência se faz presente na própria sociedade. Queremos distanciar a escola da sociedade?

Poucos se atentam para a violência que a própria instituição escola oferece à seus alunos, menos ainda se importam com a agressividade da polícia em relação aos problemas escolares – os quais não estão nem um pouco preparados para assumir.

O grande desespero da sociedade, dos professores, das direções escolares e até do estado, faz a maioria acreditar que todo e qualquer caso de violência dentro da escola ou em

seus arredores seja um “caso de polícia”. Isso porque a polícia se faz presente na sociedade para que a obedeçamos, para que nos protejam, nos ajudem, para nos fazerem – utilizando diversas estratégias para isso – responder, cooperar, respeitar.

Na escola, acredito que temos o potencial de mostrar à nossos alunos que o respeito, a cooperação e a ajuda são importantes por outros meios, que não a própria violência.

Polícia - Titãs

Dizem que ela existe pra ajudar
 Dizem que ela existe pra proteger
 Eu sei que ela pode te parar
 Eu sei que ela pode te prender

Polícia para quem precisa
 Polícia para quem precisa de polícia
 Polícia para quem precisa
 Polícia para quem precisa de polícia

Dizem pra você obedecer
 Dizem pra você responder
 Dizem pra você cooperar
 Dizem pra você respeitar

Polícia para quem precisa
 Polícia para quem precisa de polícia
 Polícia para quem precisa
 Polícia para quem precisa de polícia

Outra violência que está presente na escola, e não somente nela, poucos se atentam. É mais fácil esquecê-la. Nos levam a deletá-la de nossa mente e de nossa opinião. A violência da própria instituição, seja ela o Estado ou a Escola. Esta é a violência da imposição. De não sermos pertencentes, de não termos opinião. Se não temos, imagine nossos alunos, principalmente aqueles mais discriminados por esta própria sociedade que já é excludente conosco.

Com meios distintos é possível notar a violência que as instituições, escola e estado, aplicam sobre os alunos e sobre quem lá estão.

Estado violência - Titãs

Sinto no meu corpo
A dor que angustia
A lei ao meu redor
A lei que eu não queria

Estado violência
Estado hipocrisia
A lei que não é minha
A lei que eu não queria

Meu corpo não é meu
Meu coração é teu
Atrás de portas frias
O homem está só

Homem em silêncio
Homem na prisão
Homem no escuro
Futuro da nação

Estado violência
Deixem-me querer
Estado violência
Deixem-me pensar

Estado violência
Deixem-me sentir
Estado violência
Deixem-me em paz

Os homens e as mulheres não participam da construção da sociedade, da construção das leis, das regras. Assim se repete na escola. Não há interesse de parte alguma do poder da escola (poder este que pode ser muito amplo, abrangendo diretorias de ensino, estado, país) que os alunos tenham desejos, pensamentos, sentimentos, impulso de construção. A pessoa que incomoda é deixada de lado, ou reprimida, mas nunca ouvida.

Estes temas – extremamente amplos – devem levar a maiores reflexões dentro e fora da escola, vindas de professores mas também de pesquisadores e de outros participantes da comunidade escolar. Deve-se parar de se buscar uma fórmula secreta para o fim da violência na escola. Não há mágica que transforme a escola, por isso, não há mágica que mude as relações. Muito trabalho é importante, mas, mais que isso: muita dedicação, muita compreensão, muita

reflexão, muita luta. Só assim teremos relações mais saudáveis dentro da escola. Não almejo uma escola sem conflito, mas uma escola com mais relações produtivas e enriquecedoras. Almejo possibilidades.

É pelo grande apelo midiático e pela veiculação exagerada de conceitos errôneos e notícias com intenções duvidosas – a meu ver - que dedico a maior parte deste capítulo a um tema o qual não tenho muito interesse em seguir meus estudos, visto a situação que os “trabalhos” se apresentam hoje em dia.

3.1 Considerações acerca do fenômeno *bullying* na escola

A manifestação da agressividade na escola se dá, também, de forma contínua e direcionada, em alguns momentos. Para um tipo específico de agressividade, quando ocorre de forma repetida e se volta à um determinado alvo, ou grupo de alvos, foi dado o nome de *bullying*. Este fenômeno, embora não seja atual, é um fato social muito decorrente nas escolas hoje em dia e tem em sua denominação e em seus estudos muitas polêmicas relativas a sua classificação, nomenclatura, quantificação, tipificação e atitudes decorrentes.

O fenômeno *bullying* se refere, segundo Martins (2005), às condutas agressivas entre pares, nas quais um grupo de alunos, ou um aluno de força superior vitimiza um outro aluno indefeso. Porém é ainda mais detalhado e exemplificado por outros autores como Lopes Neto (p. 165, 2005), como:

todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes, contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Este autor afirma ainda que este fenômeno “diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão” (p.165) Há ainda outras caracterizações colocando como pertencentes ao *bullying* os atos agressivos físicos e/ou psicológicos, como chutar, empurrar, xingar, apelidar, discriminar. E que geralmente ocorre quando um grupo de alunos ou um aluno com mais força, vitimiza um outro, ou um grupo, que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender. O *bullying* pode ser considerado como uma subcategoria do

comportamento agressivo; mas de um tipo particularmente pernicioso, pela incapacidade de se defender a si próprio eficazmente. De acordo com Lopes Neto (2005), o *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão.

Martins (2005) faz uma classificação de 3 tipos de manifestação do *bullying*: a direta física, que consiste em bater, dar pontapés, roubar e/ou estragar objetos de outros colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizarem tarefas servis contra sua vontade, entre outras; a direta verbal, que inclui insultar, chamar de nomes ou apelidos desagradáveis, praticar racismo ou discriminação quanto às condições físicas, mentais ou comportamentais e gozar dos colegas; e a última, indireta, quando se trata de manifestações de exclusão do grupo, ameaças, perdas de amizade, manipulação da vida social dos pares e boatos.

É de suma importância o conhecimento de tais atitudes para que haja um possível reconhecimento do fenômeno quando aparente de algum modo na escola, e assim um diagnóstico dos possíveis alvos, autores e formas de manifestações em que o fenômeno está se dando. Isto, principalmente visando a busca do porquê, tanto das formas de agressões, quanto dos alvos e dos autores. Esse diagnóstico não deveria ficar no plano da caracterização da forma direta e indireta. Deveria ir além, buscando a compreensão do real significado disto no ambiente escolar de cada aluno envolvido, alunos estes que estão inseridos numa sociedade de dinâmica mais complexa, ao qual a dinâmica escolar se assemelha.

Os pesquisadores do assunto ainda separam os participantes da manifestação em 3 categorias: os intimidadores, ou autores; as vítimas, ou alvos; e os não participantes, observadores ou testemunhas. Essas 3 personagens do *bullying*, são extremamente importantes para a perpetuação dos atos agressivos neste fenômeno. Entendendo que os alvos, praticando a violência, intimidam tanto o alvo, que é humilhado, quanto os observadores, que podem vir a ter medo de serem a próxima vítima ou desejar estar no lugar do autor. E ainda, a importância dos observadores para quem pratica o *bullying*. É indispensável que pessoas, a platéia, vejam o que o autor faz com o alvo.

“As testemunhas não participam diretamente em atos de *bullying* e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas.” (FRANCISCO e LIBÓRIO, 2008, p.201) Há autores ainda, como Moura e Ballone (2008), que acreditam que a testemunha pode permanecer calada por uma outra razão: um possível prazer com o sofrimento da vítima.

As vítimas – ou como mais comum – a vítima, é quem sofre as principais consequências do *bullying*. Elas, de acordo com vários estudos são geralmente tímidas, sofrem de alguma deterioração na auto-estima, poucos sociáveis, inseguras, e ainda com “características físicas, sócio-econômicas, de etnia e orientação sexual, específicas” (SMITH apud ANTUNES E ZUIN, 2008, p.34). É aquela pessoa “com algum traço ligeiramente destoante do “modelinho” culturalmente imposto ao grupo etário em questão.” (BALLONE e MOURA, 2008, p. 1)

Já os autores do *bullying*, segundo Tognetta apud Francisco e Libório (2008) precisam também de ajuda já que possivelmente sofrem uma grave deterioração de sua escala de valores e portanto de seu desenvolvimento afetivo e moral. De acordo com Moura e Ballone (2008, p. 1), os autores são geralmente:

 pessoas antipáticas, arrogantes e desagradáveis. Alguns trabalhos sugerem que essas pessoas vêm de famílias pouco estruturadas, com pobre relacionamento afetivo entre seus membros, são debilmente supervisionados pelos pais e vivem em ambientes onde o modelo para solucionar problemas recomenda o uso de comportamento agressivo ou explosivo.

 Há fortes suspeitas de que as crianças ou jovens que praticam o *bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais, psicopáticos e/ou violentos, tornando-se, inclusive, delinquentes ou criminosos. Normalmente o agressor acha que todos devem atender seus desejos de imediato e demonstra dificuldade de colocar-se no lugar do outro.

 Porém, de acordo com Martins (2005), esse tipo de conduta, o *bullying*, apesar de ser classificado como uma agressão entre pares, pode significar ou não uma manifestação de distúrbio do comportamento e pode ser violenta ou não, levar a delinquência ou não.

 O filme espanhol “*Bullying*” traz de uma forma realista, angustiante e esclarecedora algumas características e questionamentos interessantes do fenômeno, principalmente em relação aos personagens da agressão. O modo que o diretor do filme utilizou para retratar o *bullying* na escola não tem a intenção de mostrar o casual nas ocorrências deste fenômeno e nem os tipos de agressões mais comuns. Porém é capaz de acordar seu espectador para algumas das possibilidades, que não estão distantes da realidade.

 Os pais, ou no caso do filme, a mãe viúva, é impossibilitada de perceber como o filho sofre pois trabalha o dia todo para o sustentar. A escola não consegue lidar com a

situação. Sugere conversas, intimida, nega a ocorrência do *bullying* naquele espaço, não se dá conta das agressões que acontecem dentro dela mesma; tudo o que faz apresenta maior risco para a vítima. Quanto aos Colegas, falta-lhes coragem de denunciar. Não se conformam com o silêncio da vítima. São possíveis futuras vítimas da violência, o que os fazem ficar acuados.

O filme, de forma muito pesada, me trouxe uma mensagem. Ou melhor, após o filme, que talvez tenha deixado muitos espectadores sem saída alguma para o problema apresentado, me forcei a desamarrar os cordões da raiva e da angústia e refletir sobre o assunto buscando alguma solução. O que consegui entender e perceber é a necessidade, em todos os ambientes de ensino, de uma prevenção eficaz, que não seja tardia (como no filme). E sobre os modos de se prevenir um fenômeno como o *bullying* há muito que se falar.

Prevenir para muitos é falar sobre o assunto com os alunos: no filme, um especialista visita a escola, reúne os alunos e discorre acerca da importância em denunciar e em não agredir colegas. Ou ainda, ensinar-lhes o nome do fenômeno e fazerem com que saibam classificar, denominar essa violência. Assim como acontece no filme há probabilidade de os alunos se emocionarem com tais informações e até prestarem atenção, porém isso não pode ser chamado de prevenção. Um ambiente com relações saudáveis é um bom detetizador do fenômeno *bullying*, mas que necessita ser trabalhado e estimulado sempre.

Uma escola que visa ter um ambiente detetizador de violência entre pares, ou seja, que trabalhe e mantenha suas relações interpessoais de forma saudável e construtiva principalmente para os alunos, deve se preocupar com eles, de forma que estes se sintam acolhidos pela escola e pertencentes desta instituição, construtores dela. Isso não é o que acontece, por exemplo, no filme *Elefante* (2002), o qual nos fixa na cadeira com o emocionante e surpreendente cotidiano das crianças envolvidas na história real da escola Columbine, em 1999 nos EUA. Em um dia comum (para a maioria que ali estava), a escola foi invadida a tiros de armas potentes por 2 rapazes alunos daquele Instituto. Esses dois meninos eram aqueles típicos “fora dos padrões”. Todos os excluía, não tinham amigos nem grupinhos. (Sobre isso discorrerei mais a frente.) Eles não se identificavam com aquele ambiente. Nada nem ninguém naquele lugar significavam algo para eles. Nada os pertencia, nada os acolhia. O ambiente era alheio a eles. E em meio a um cotidiano de naturalização da violência – o filme retrata que os garotos jogavam jogos no quais o objetivo era matar pessoas no vídeo-game – eles tiveram essa atitude de talvez “brincar” de matar como no game, ou ainda, exterminar um problema da vida

deles que não se resolvia – a escola – por um meio que eles achavam possível. E foi. “(...) os homens aguardam que este mundo sem saída seja incendiado por uma totalidade que eles próprios constituem e sobre a qual nada podem.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.36)

Os estudos sobre *bullying* tem ganhado força nas últimas 3 décadas, apesar de ser um fenômeno existente nas escolas há muito tempo ou desde que as escolas se formaram (não temos dados ou informações sobre isso, faço uma hipótese já que faz parte das dinâmicas sociais). O fenômeno “é um problema do ser humano imaturo, logo, deve acompanhar a humanidade desde a pré-história (...) encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição” (BALLONE e MOURA, 2008, p.1) Porém, tem ganhado grande destaque por conta do crescimento de sua aparição na mídia e da grande incidência nas escolas. Aí tem-se uma grande problemática. Este fenômeno está realmente aumentando nas escolas? Ou há maior veiculação da mídia frente a tal manifestação já que agora há um nome para isto?

Quando há conhecimento de um tipo de fenômeno e a este dá-se uma denominação, há uma certa tranquilidade e acomodação por conta do conhecimento de sua nomenclatura e em relação a tal informação; o que gera uma possível generalização dos acontecimentos. Isso representa um certo perigo ao se tratar do fenômeno *bullying* por duas razões. Primeiramente, qualquer manifestação parecida ou que se enquadre com alguma de suas características pode ser considerada como *bullying*; em segundo lugar, ele pode não ser tratado da devida forma, como se apenas o conhecimento de sua aparição, seu diagnóstico de existência, bastasse para sua resolução e/ou prevenção.

Outra inquietação é em relação ao aumento do *bullying* nas escolas, fazendo-o tornar-se agora um grande vendedor de livros de “auto-ajuda”, para os pais principalmente. Ao considerarmos o aumento do *bullying* hoje em dia, não podemos deixar de refletir sobre a influência da mídia nesses dados que nos são fornecidos. A mídia é responsável pela tendência das informações: se hoje um assunto sobre *bullying* garantiu à transmissora muitos pontos de ibope, amanhã, ao escolher entre uma notícia sobre *bullying* e qualquer outra, ela optará pela primeira, já que o sucesso está de certa forma garantido. Isso faz com que, segundo Betti (2003), o espectador seja iludido, dando-lhe a falsa sensação de contato perceptual direto com a realidade. Assim o espectador assimila que tais fatos estão realmente acontecendo com muita frequência, quando na realidade há um aumento de sua veiculação, apenas. O espectador é

iludido aí pois não tem como saber qual a incidência real dos fatos, já que a mídia sempre veiculará mais o que lhe der mais espectadores naquele momento. Quando o assunto *bullying* já estiver assimilado pela sociedade como um fato muito “perigoso” e “importante”, a mídia passará para outra notícia, a qual lhe renderá mais ibope naquela semana ou naquele mês. Hoje em dia, principalmente neste ano 2010, estamos na fase da grande veiculação do fenômeno *bullying*, fazendo com que as prateleiras das maiores livrarias do país sejam cobertas por livros sobre como “prevenir” o *bullying*.

Por que 2010? Neste ano, a princesa Aiko do Japão, é vítima de um suposto *bullying* na escola onde estuda, o tema se tornou muito recorrente nos noticiários do Japão e do mundo inteiro. Os maus tratos por alunos da própria escola, durante o período escolar, que a princesa vem sofrendo, além de ter desenvolvido problemas patológicos como dor de estômago e ansiedade, fez com que o mundo inteiro, por meio da mídia, voltasse sua atenção ao tema do *bullying* escolar. E não esqueçamos que, segundo Betti (2003), a linguagem audiovisual da televisão, com o apoio dos crescentes recursos técnicos, pode espetacularizar qualquer coisa. Essa grande apelação midiática do tema gerou um aumento significativo de livros endereçados a pais, para que previnam sua ocorrência com seus filhos. Acredito que isso seja possível até certo ponto, já que é uma manifestação própria do ambiente escolar, porém há de se refletir muito sobre como seria o modo de fazê-lo.

Uma possibilidade de evitar que os filhos sejam vítimas de *bullying*, a mais fácil delas e a mais praticada – na maioria das vezes sem ao menos perceber-se -, seria torná-los parecidos com os outros alunos, anulando sua personalidade e modo de ser, já que os motivos do *bullying* geralmente são como uma manifestação do preconceito para com aqueles considerados diferentes. Outra possibilidade seria ensiná-los a defender-se sendo também agressivos.

A sociedade não aceita que sejamos diferentes. Devemos consumir o que todos consomem, nos vestir com as mesmas marcas de roupas, comer as mesmas coisas, nos comportar da mesma maneira ou ter o mesmo padrão de corpo. Deste modo é a escola também, reflexo da sociedade. “A brutalidade com que [a sociedade] enquadra o indivíduo é tão pouco representativa da verdadeira qualidade dos homens quanto o valor o é dos objetos de uso.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.35) Os alunos que não apresentam este tipo de padrão imposto por esta sociedade de consumo, a qual estamos inseridos, e que modifica os valores dos objetivos de uso, são discriminados e retalhados. Isto é muito bem discutido por Antunes e Zuin (2008) em seu

texto “Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação” quando faz referência ao preconceito como principal motivo para a ocorrência do *bullying*. Em contrapartida ao preconceito explícito, com fim nele mesmo, “o racista ou o preconceituoso aspiram secretamente àquilo que detestam” (MATOS, [19--], p.14) Assim, a violência contra o discriminado, contra o não aceito, passa a ter outra intencionalidade. Como o discriminado conseguiu se livrar das imposições da sociedade e das etiquetas e se tornar algo que ele simplesmente almeja ser? Deixando claro que o discriminado muitas vezes não queira ser aquilo que é, pois também sofre por não estar imerso e aceito na sociedade; mas o é, com todo o sofrimento que isso traz, sentimento este que as pessoas em seu entorno, e o agressor, não conhecem. Sendo desconhecida essa incapacidade do discriminado de controlar ou recortar o que é, passa a ser conhecido simplesmente como o diferente, subentendendo que é capaz de ser o que deseja.

Nesta sociedade das etiquetas, do consumo, do universal, não é permitido ser o que simplesmente se almeja. Seguindo esta ordem, não é fácil conseguir se livrar dessas imposições a que estamos expostos vivendo nesta sociedade. Ao mesmo tempo que odiamos quem não está no quadrado e foge do que é esperado, também desejamos isso a todo momento em que a sociedade nos dita modos de ser e de viver. E aí é que a violência do *bullying*, como o preconceito, deixa de ter fim em si mesmo simplesmente visando a aniquilação, e passa a ter um sentido de angústia do agressor, que desejaria ter a mesma capacidade da vítima: não estar no quadrado perfeito da sociedade.

Uma manifestação clara do *bullying* a partir do preconceito se encontra na curta-metragem “A peste da Janice” (2007). Janice é uma menina novata na escola onde estuda, e mais que isso, é filha da faxineira da escola. A clareza do motivo do preconceito não é explicitada no filme, porém as colegas de sala a excluem a todo momento, e ainda mais, não podem encostar em Janice, pois segundo elas Janice é portadora da “peste da Janice”. Tal “doença” faz todas rirem, e uma “passa” a peste para outra, encostando. Ninguém toca em Janice e muito menos conversa com ela. A sala toda se diverte, enquanto Janice se deprime sendo excluída.

O fato do filme ter mostrado como é a vida de Janice – pai falecido, filha de faxineira, uniforme doado e muito maior do que seu tamanho, novata na escola - faz entender o porquê supostamente aquela menina é discriminada. Claramente ela não se enquadra nos padrões da escola- “Quem é ela? Quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado. Remoto Controle.” (ADRIANA CALCANHOTTO – ESQUADROS). Meninas com nível sócio-econômico mais alto que de

Janice, arrumadas e com materiais escolares da moda: a partir disso ela acaba sendo a chacota da sala.

Outro acontecimento muito importante neste curta é o olhar da professora, que em momento algum percebe ou se preocupa com o que está acontecendo na sala, apesar de notar que as meninas estão mais agitadas. Ela não pausa seu conteúdo nenhuma vez para tentar entender o que há naquela sala ou para fazer atividades que se preocupem com a integração e com o relacionamento dos alunos. Só há pedidos para que parem quando a estão incomodando ou fazendo muito barulho. A menina novata não foi apresentada à sala ou inserida nela em nenhum momento, e seu nome sequer apareceu na lista de chamada. O diferente representa o perigo, no curta bem representado com o próprio nome dado pelas meninas: peste. A peste precisa ser isolada pois contagia e, ao contagiar desestrutura o sistema, causa morte e desolação. No caso, a diferente precisa ser isolada para que não contage outras pessoas, como se faz com os doentes biológicos, neste curta se mostra a doença social.

No filme *About a boy* (2002)³ isto se torna muito evidente, porém, disfarçado em meio ao mundo hollywoodiano e à naturalidade em que ocorre, por ser tão comumente visto e aceito a todo momento e em todos os lugares. O menino tem muita dificuldade de ser enquadrado (digo enquadrado pois se trata exatamente de colocá-lo num quadrado, com a largura ditada pelos modos de vida que aquele garoto deveria viver de acordo com aquela sociedade). O menino sofre de *bullying* pois não tem padrões de vida semelhante aos de seus colegas – pai ausente, ótima relação com a mãe, que por sua vez sofre de depressão, roupas diferentes e antigas, corte de cabelo considerado estranho para a época etc. Tudo isso faz com que o garoto seja violentado, tanto física quanto verbalmente, todos os dias na escola: tiram sarro, dão apelidos, tiram seus sapatos. Em meio a uma trama típica de um filme de comédia romântica, a solução encontrada é dar ao menino condições de vida que o deixem parecidos com os outros garotos. Ele não será um estranho e sim mais um número/consumidor/reprodutor neste mundo ao qual está imerso.

Apesar desse tema estar presente no filme, ele está diluído num roteiro e em imagens extremamente comerciais, típicas de produtos midiáticos que não prezam pela reflexão crítica e sim para o consumo alienado. No filme *About a boy* (2002), fica fácil perceber a moldagem a qual a sociedade tenta inserir os indivíduos que nela estão. E se a sociedade inteira responde a esse tipo de exigência imposta pelo consumo, pela padronização dos indivíduos, as

³ Título Traduzido: “Um Grande Garoto” (2002)

crianças não estão fora disso. Elas são alvos dessa universalização do consumo e na maioria das vezes são o principal foco de apelo do mercado consumidor. E desta forma, como esperar que as crianças aceitem o amiguinho negro, gordinho e com tênis barato, se a sociedade, a televisão e até os adultos esperam e lutam para que ele mesmo seja o oposto disso? Como deve ser a visão de mundo deles, e as exigências que lhe são impostas, para que exijam e ajam desta forma?

O excesso de racionalização do mundo, vindo com a idéia de controle da natureza e de cientificidade para controlar o (medo do) desconhecido, trouxe a universalidade - a verdade universal obtida pela razão, pela ciência. A razão traz a lógica que nos permite tender ao idêntico e à universalidade, o que produz o pensamento estereotipado, etiquetado, moldado, configuracionado, ou ainda, o pensamento que vai ao encontro com o que ocorre no mundo construído pelos que exercem o poder, sem fugir dos padrões pré-estabelecidos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 35). O subjetivo, a experiência individual e o pensamento de cada um se perdem na lógica das etiquetas. Os indivíduos são etiquetados para terem uma função e serem algo no mundo. A etiqueta informa e forma. Informa sobre quem deve ser. Forma pessoas num molde. Mostra a forma que aquele indivíduo deve atuar. Apresenta qual é a forma que ele representa/reproduz.

Eu, Etiqueta - Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
(...)
meu isso meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É doce estar na moda, ainda que a moda

seja negar a minha identidade,
 (...)

E nisto me comprazo, tiro glória
 da minha anulação.
 (...)

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 de ser não eu, mas artigo industrial,
 peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem,
 meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente

“Etiquetas são aplicadas, cada um é amigo ou inimigo (...). Transferem-se grupos étnicos para outras regiões, enviam-se indivíduos marcados como judeus às câmaras de gás” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.166) O padrão da sociedade “(...) é a autoconservação, a assemelhação bem ou malsucedida à objetividade da sua função e aos modelos colocados para ela. Tudo o mais, Idéia e criminalidade, experimenta a força da coletividade que tudo vigia, da sala de aula ou sindicato” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.35).

Em contrapartida, devemos considerar que paralelamente ao aumento da veiculação de *bullying* nas escolas por meio da mídia, há um aumento considerável de sua incidência devido à alguns outros fatores. Podemos considerar, visto a sociedade em que estamos inseridos que, hoje em dia, os alunos (ou as crianças como um todo) sofrem uma pressão da sociedade – pais, amigos, família, professores, mídia – que supostamente é maior do que há alguns anos atrás devido ao nível do capitalismo e os moldes em que a sociedade se encontra no momento.

Sabendo que esta forma de violência entre pares ocorrida na escola, o *bullying*, existe há muitos anos, ou sempre existiu, podemos notar algumas diferenças em relação a sua manifestação ou modo de se exercer. Hoje em dia, com o avanço da tecnologia, os alunos da escola conseguem se comunicar até mesmo nos horários extraescolar, principalmente por meio de comunicação virtual. Este tipo de comunicação está sendo o principal modo dos adolescentes se comunicarem hoje em dia e, por isso, não é de se espantar que o *bullying* esteja presente também neste espaço. Para esse modo de ocorrência do *bullying*, dá-se o nome de *cyberbullying*.

A revista Nova Escola trouxe uma reportagem em sua edição de junho/julho de 2010 com o título de Violência virtual, na qual se trata do tema *cyberbullying*. O *Cyberbullying* é

o fenômeno *bullying* exercido por meios de comunicação virtuais como mensagens de texto ou fotos em celulares, e-mails, através de sites de relacionamentos, etc. Ele é considerado mais perverso porque é ilimitado já que não há restrições do tempo e de quanto cada pessoa pode enviar mensagens, recados e e-mails, e agora não é mais possível ter momentos de “tranquilidade” fora do ambiente escolar – não há como fugir do (s) agressor (es); além disso ele deixa o poder do agressor ampliado já que não há limites para a rede de comunicação virtual e cada vez mais há novos sites de relacionamento, novas tecnologias em prol do aumento da comunicação; e a vítima mais acuada, sem saber ao certo de quem se defender, já que por meio da tecnologia virtual é possível permanecer anônimo.

Nesta reportagem, Cleo Fante, especialista em violência escolar, afirma que por meio deste fenômeno quem ataca e quem é atacado podem sofrer dos sintomas de déficit de atenção, falta de concentração e desmotivação para os estudos. Quando estudamos sobre as consequências do *bullying* para os alunos, os mesmos problemas são encontrados. Diria que, além disso, superando a idéia do rendimento – seja escolar ou não - as supostas vítimas de *bullying* apresentariam “problemas” de ordem maior, como não aceitação de si e valorização dos conceitos e valores impostos pela sociedade de consumo, que se reproduzem na escola. E sobre as personagens do *cyberbullying* e suas características, a reportagem traz informações que nos induzem a crer que são similares no fenômeno *bullying*.

Um estudo feito pela organização não governamental Plan com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos, indica que 17% deles já foram vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez. Entre eles, a maioria (87%) foi insultada por mensagens e fotos enviadas por e-mail ou sites de relacionamento. O restante (13%) foi violentado por celular. Outro dado que esta ONG traz é de que a maioria das vítimas (69%) tem entre 12 e 14 anos.

Esta reportagem afirma que as crianças e os jovens são capazes de praticar pequenas ou grandes perversões a partir dos deboches que fazem, dos apelidos que inventam, das pequenas imperfeições que notam nos outros e que não perdoam nada. E que ainda são implicantes, discriminadores e praticam agressões verbais e físicas muito mais do que o desejado. Não há dúvida de que realmente tudo isto aconteça, visto o que ocorre cotidianamente nas escolas do mundo todo. Porém, há de se pensar porque essas crianças e jovens agem desta maneira. Como expressado anteriormente, há de se considerar as “etiquetas” às quais as pessoas estão expostas e submetidas hoje em dia.

Concluindo este capítulo, deixo o assunto em aberto, já que penso não ser possível fechar algum tema que está em pleno desenvolvimento na sociedade e que possivelmente não acabará tão cedo, visto a sociedade em que estamos inseridos. Acredito que o modo que as instituições de ensino hoje em dia estão formadas e estabelecidas, compreenda para que haja este tipo de violência, assim como os conteúdos apresentados aos alunos e a proposta de ensino da maioria das escolas.

É de extrema importância a discussão e a reflexão acerca deste fenômeno, assim como de tantos outros referentes à nossa escola atual. A escola deve se manter em eterna confecção, desconstrução e ressignificação, sem necessidade desta ordem...

4 A pesquisa de campo

4.1 Metodologia

A pesquisa que aqui será apresentada é uma pesquisa qualitativa descritiva realizada no ambiente escolar. Este tipo de pesquisa procura introduzir um rigor, que não o da precisão numérica, aos fenômenos que não são passíveis de serem estudados quantitativamente, tais como os comportamentos, sentimentos, emoções, sugestões, opiniões, ideologias. Esses fenômenos apresentam dimensões pessoais e podem ser mais apropriadamente pesquisados na abordagem qualitativa, que é, basicamente, descritiva. E onde “as descrições são tratadas interpretativamente” (MARTINS e BICUDO, 1988).

As crianças, sujeitos desta pesquisa, que foram observadas e entrevistadas, pertencem ao Ensino Fundamental I, 1º ao 5º ano (ou 1ª a 4ª série, dependendo da adequação ou não à nova norma estabelecida pelo MEC), ou seja, crianças de 6 a 10 anos aproximadamente. São de ambos os sexos, que freqüentam a escola no período estabelecido para as observações, no caso, a tarde.

Nesta pesquisa foram feitas observações combinadas de registros simultâneos situacionais em duas escolas, uma pautada na Pedagogia Freinet e outra no ensino Tradicional. As observações aconteceram durante o recreio escolar, no tempo e espaço que cada escola delimitava para isso. Não houve nenhum tipo de intervenção com os alunos durante as observações. Elas ocorreram durante 6 dias em cada escola, em uma freqüência média de 2 vezes por semana.

A fim de complementar as observações e embasá-las de modo a significá-las e entendê-las, foram feitas entrevistas com as coordenadoras pedagógicas, alunos e professores de cada escola estudada. As entrevistas aconteceram primeiramente com a coordenadora pedagógica, que nos apresentou a linha e a proposta pedagógica da escola. Estas entrevistas foram realizadas antes do início das observações de cada escola em questão. O segundo passo das entrevistas aconteceu com os professores. Foram dois professores de cada escola, além do professor de educação física, que responderam a questões em relação à violência e agressividade nas salas de aula e na escola. A escolha pelo professor de educação física se justifica por

considerarmos que as aulas de Educação Física sejam espaços em que comportamentos agressivos podem ocorrer com maior frequência em decorrência das possibilidades dos contatos corporais, das atividades que muitas vezes envolvem competição e da exposição mais ampla das próprias habilidades corporais.

Por último, após o período de observação na escola durante o recreio, foram feitas entrevistas com 3 alunos de cada escola, escolhidos de forma aleatória.

As entrevistas foram feitas a partir de roteiros de perguntas – disponibilizados nos anexos deste trabalho – mas eram de caráter semi-estruturado já que apesar de seguir as perguntas que o roteiro encaminhava, era possível acrescentá-las e/ou retirá-las, assim como embasá-las com falas, mudanças, expressões, etc. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para uma melhor organização dos dados que obtivemos. A partir dos relatos escritos das entrevistas, foi possível a análise de cada fala, de modo a perceber não somente o sentido literal das frases, mas a entonação, a expressão das emoções durante as falas, os gestos corporais e as dificuldades e facilidades ao se falar cada assunto ou cada pergunta. Posteriormente a esse trabalho, houve a análise de todos os dados conjuntamente, de forma a complementarem um ao outro.

4.2 A pedagogia Freinet

Eu contornei hoje o que amanhã (ou um dia)

Será por ele colorido.

Assim é nessa sala Freinet

Deste modo vagueia a minha idéia

Acreditar e transformar

O que eu quiser para construir o mundo⁴

Célestin Baptistin Freinet. Um francês nascido em 15 de outubro de 1896 no vilarejo de Gars, região de Provença nos Alpes Marítimos do sudoeste da França, em contato com

⁴ Os poemas aqui publicados que não apresentem citação de outros autores são de minha autoria.

a natureza e a liberdade que aquele lugar oferecia. Foi o caçula dos quatro filhos que Joseph Delphin Freinet, agricultor, e Marie Victoire Torcat criaram. Ali começava uma história intensa e transformadora, que até hoje é estudada, lembrada e praticada.

O momento político da França em que toda essa história acontece é de tensão e tristeza. Duas guerras mundiais, a crise de 1929 e a divisão da França em direita – composta pela minoria de monarquistas e liberais; centro – os republicanos; e esquerda – os socialistas e comunistas, onde Freinet se inseria.

Até seus 13 anos, Freinet viveu neste vilarejo em meio à natureza. Colher lavanda e cuidar das cabras foi o que ficou nas memórias das emoções de sua infância. Apesar de exercer um trabalho importante e essencial naquela aldeia rural, e de esta ser a sua principal ocupação, fazia com que a ludicidade estivesse presente durante o trabalho, deste modo, percebe desde pequeno as possibilidades do trabalho útil, coletivo e prazeroso. Da escola diz pouco se lembrar, além das dores no pescoço, já que a lousa era tão alta, e da rigidez que o método empunha a ele e seus colegas. Viviam em um sistema escolar autoritário que pouco lhe dissera sobre a vida e que não foi capaz de lhe mostrar o que era um trem. “É certo que esta vida primeiramente me formou, bem mais que a escola.”

Concluiu seus estudos primários aos 13 anos e mudou-se para Grasse, onde continuou seus estudos no curso suplementar, ou primário superior, por mais três anos. Aos 16 anos ingressava na Escola de Formação de Professores (Escola Normal) de Nice, uma cidade francesa, onde era “doutrinado” para exercer a carreira de professor do modo que aquele sistema educacional naquela época de sistema político empunha. Dois anos mais tarde fora convocado para a 1ª Guerra Mundial, em 1914, fato que definia o momento político no mundo e na França, e conseqüentemente, algumas atitudes e pensamentos que irão incomodar tanto Freinet daí para frente. Durante a guerra, por conta dos gases tóxicos, adquiriu doenças respiratórias que ajudariam a mudar ainda mais os modos de aula que proporia com sua nova pedagogia.

Quando retorna, sem experiência de prática pedagógica e com toda a experiência que a Guerra lhe proporcionara, começa a lecionar, em 1920, em um colégio rural em Bar-sur-Loup, aldeia próxima de Grasse com cerca de 1500 habitantes nos Alpes Marítimos, ao sul da França. Este local, que lembra os terrenos de sua infância, era rico de flores e plantas aromáticas e possibilitava um contato com a natureza que lhe foi oferecido quando criança. Ao assumir a classe, sente como as complicações respiratórias atrapalham, e começa a dar aulas fora

das salas, buscando outros meios para que a aula seja possível. Além das dificuldades físicas que herdara da guerra, percebe que “o ensino ministrado à maneira tradicional, que exige da criança uma atitude passiva e amorfa, não tem o menor resultado.” (FREINET, 1978, p.23) Mas tinha consciência de que se tivesse uma voz potente, alta e grave, conseguiria dominar os alunos. Porém, “dominar a situação não é resolver o problema educativo.” (FREINET, 1978, p.23)

Nesta época, Freinet tem a oportunidade de lecionar na Escola Primária de Brignoles, como professor de letras. Mas renuncia às aulas ao visitar o local e não perceber possibilidades para sua pedagogia. Continua em Bar-sur-Loup.

Em 1924 participa do Congresso da Liga Internacional para a Educação Nova, conhecendo Ferrière, Claparède, Decroly, Bovet e Cousinet. Fica encantado com as idéias do papel ativo da criança, do homem como ser social e fazedor da história. E começa a desenvolver a palavra atividade, utilizada pela Escola Nova, deixando-a com mais profundidade.

A Escola Nova, conhecida também por Escola Ativa, foi um movimento do fim do século XIX que transformava a escola e as salas de aulas em ambientes de comunidade, de atividade, de prazer. Este movimento trazia a escola como instituição laica, popular, igualitária, gratuita, obrigação do Estado e que possibilitava a transformação da sociedade: foi a base para as escolas públicas como direito de todos. A intenção era a democratização da escola pública. Acabaria assim o empirismo reinante na escola, o que, de forma urgente, trazia as soluções dos problemas da escola para a esfera político social e não mais para o âmbito administrativo. Não serviria mais, a escola, para os interesses da classe dominante, e sim às necessidades do indivíduo.

De modo geral, o escolanovismo – seu outro nome – visava a renovação da mentalidade dos(as) educadores(as) e, naturalmente, em consequência, das práticas pedagógicas, colocando o(a) educando(a) como centro norteador do processo educativo. (MOURA, 2006, s.p.)

A obra de um dos pioneiros da Escola Nova, L'École Active de Ferrière, foi decisiva para Freinet começar a esboçar sua proposta pedagógica. Ali encontrara soluções para muitas de suas inquietações políticas, filosóficas e sociais.

Animado com as idéias e criações, cria uma cooperativa de trabalho com os professores e pais da aldeia para o consumo e venda dos produtos locais. Em seguida, escreve,

por 2 anos e meio, no Clarté, revista de vanguarda do Partido Comunista. Em seus artigos fala sobre a educação e sobre a escola. Insere-as na obrigatoriedade do Estado, condena as escolas burguesas, capitalistas e que visam aquisição de conhecimento em detrimento do equilíbrio do indivíduo e da harmonia da sociedade. Não negava suas raízes marxistas. E começa a organizar viagens para conhecer instituições consideradas vanguardistas. Este conhecimento será importante para a criação da sua própria escola.

Ainda em 1924 introduz a **imprensa** na escola como um instrumento pedagógico, e isso consolida o **Livro da Vida**, os **poemas** e a **correspondência** no cotidiano dos alunos, e também dá visibilidade para outros professores aderirem ao movimento. A imprensa escolar dá papel ativo às crianças, fato que Freinet sempre defendeu, além de ser muito importante na alfabetização.

O **Livro da vida** foi fruto de algumas economias que Freinet fez durante as férias, que o possibilitou comprar uma pequena tipografia. Este equipamento é o que possibilita a estruturação e forma do material de comunicação impresso, é o processo de criação na elaboração de um texto impresso. Um exemplo de um catálogo tipográfico, que se construía com a ferramenta que Freinet utilizou é mostrado a seguir:



Fig. 1 - Catálogo tipográfico da Caslon, de William Caslon, 1732

Deste modo foi possível encadernar uma quantidade grande de folhas brancas (raridade naquela época e naquelas condições) e colocar uma capa. Este era o primeiro Livro da Vida utilizado por Freinet e por seus alunos em Bar-su-Loup. Era também conhecido pelos

alunos por Livro dos parafusos, já que para agrupar as folhas, Freinet fez furos e as juntou com parafusos.

O livro da vida é um registro da vida da turma a partir da apropriação da escrita.

Nele ficam registrados os momentos mais significativos da vida da classe. Essas anotações representam o caminho percorrido pelo grupo-classe, materializado em diferentes linguagens: desenhos, colagem, modelagem, música, poemas, etc., tornando-se, assim, um registro do vivido. (ELIAS E SANCHES, 2007, p.166)

Elise Freinet, em seu livro “Nascimento de uma Pedagogia Popular” (1978), escreve sobre a emoção de folhear este primeiro livro da vida, que contém o embrião de um movimento pedagógico tão importante e cita um trecho aqui reproduzido:

O Honoré tem um lindo gatinho cinzento e branco. Deita-o a seu lado na cama. De manhã o gatinho acorda-o lambendo-lhe o rosto.

O professor disse:

- Esta tarde vão ter um feriado que se prolongará até ao próximo ano

E o Roger pôs-se a soluçar.

- Roger, por que é que estás a chorar?

-Sr. Professor – diz o Jeannot – é porque ele queria que a escola nunca acabasse. Tem medo que depois não haja mais.

- A mim – diz o Lulu – o pai Natal vai trazer-me uma caixa de aguarelas; ao Clementi uma espingarda; ao Georges, um par de sapatos.

O Joseph, esse diz que isso do pai Natal são petas...

(FREINET, 1978, p. 44)



Fig. 2 - Fotos do Livro da Vida de uma classe da disciplina Estágio Supervisionado 1 da Faculdade de Educação do 1º semestre de 2010, organizado pela

Prof. Dr. Eliana Ayoub (Nana) e no qual participei como autora, assim como todos os outros alunos da disciplina.

Nesta época também, quando lecionava no colégio rural em Bar-su-Loup, já tinha preocupação em fazer com que seus alunos vivenciassem na prática o que aprendiam na sala de aula e ainda que trouxessem para a sala de aula o que vivenciassem em sua vida fora da escola. A primeira experiência marcante, registrada por Elise Freinet foi de quando Célestin Freinet levou seus alunos à oficina do Tecelão daquela aldeia. Lá os alunos puderam vivenciar as experiências daquele trabalhador de sua aldeia e ainda perceberam como a escola tinha outras possibilidades, como era amplo o que a escola lhes oferecia. Para registrar este momento tão especial, no qual Freinet já colocava em prática sua proposta pedagógica, fez um poema, o qual leu para os alunos:

“No seu tear, o tecelão
Urdu os fios com toda a paciência...”
(FREINET, 1978, p. 32)

“Foi um êxito total e a partir desse dia os alunos compreenderam finalmente a utilidade dos poemas e decidiram aprender alguns.” (FREINET, 1978, p. 32). Mais para frente estes poemas irão se juntar com a imprensa (a tipografia) e tudo começa a funcionar perfeitamente. Era deste modo que Freinet colocava em prática o que acreditava, o que propunha, o que conseguia. E se integrava na aldeia, com os trabalhadores, a comunidade, e os alunos.

Na leitura do livro de Elise Freinet, casada com Célestin Freinet, é nítida e muito citada a dificuldade financeira que aqueles professores passavam ao lecionar. Os recursos utilizados em sala de aula, tais como as tintas, as canetas, os papéis, entre outros, eram todos financiados pelo próprio Freinet, que teve mais dificuldade ainda para inovar com seus novos instrumentos, já que não recebia verba alguma de qualquer órgão. O casal fazia economias do tipo: não gastar dinheiro com passagens de ônibus e ir andando de uma cidade a outra; não comprar nenhuma mobília nova para sua casa; gastar apenas o necessário. E com muito desejo de investir no que acreditavam, conseguiam, mesmo que faltando um pouco de dinheiro no fim do mês, comprar os materiais necessários, improvisar com o que tinham e assim colocar em prática o que desejavam e acreditavam.

A Tipografia que Freinet comprou com suas economias facilitou e possibilitou de forma inovadora a alfabetização das crianças menores. Ele mesmo reformou sua tipografia, com ajuda do marceneiro da aldeia, para que conseguisse imprimir letras maiores. Deste modo as crianças maiores conseguiriam, com melhor proveito, utilizá-la também. Por denunciar a cartilha e os manuais escolares, experimentou a impressão com as crianças mais novas, o que lhes deu muito mais proveito da alfabetização. Assim era possível a leitura global pelo método natural, modo que chamava a sua proposta, e se instituía a **Tipografia na Escola**, título de um texto posteriormente escrito por Freinet.

A Tipografia, na sala de aula, ocupava um local de destaque, de honra, era como um altar. E foi ela que fez com que surgissem vários adeptos que ativaram a **correspondência escolar da imprensa escolar** entre seus alunos de escolas diversas.

A imprensa não foi somente um processo de tornar a criança ativa no sentido muscular e intelectual do termo, por oposição à imobilidade estática imposta pela escola tradicional; também não foi uma simples ocasião para o reavivar do interesse escolar das crianças por esta ou aquela disciplina do programa. Foi muito mais do que isso: revelou a Freinet a personalidade psicológica e humana da criança no seu movimento constante e em permanente ligação com o meio. A partir desse momento, Freinet voltou costas resolutamente a toda a psicologia tradicional e artificial e espiritualista, apoiada nessas entidades imaginárias, as faculdades da alma, e orientou-se para a concepção de uma pedagogia de unidade e do dinamismo, que ligasse a criança ao meio social. (FREINET, 1978, p. 45)

A partir dessas conquistas, nasce a CEL – Cooperativa do Ensino Leigo – o que dava suporte, amparo e incentivo para a criação e utilização dos novos métodos de trabalho e de ensino, assim como novos instrumentos com estas finalidades. Mais tarde o *Le Gerbe*, primeira revista de poemas escrita por alunos, seria publicado com a ajuda da CEL.

Em 1926 Elise Freinet, já casada com Célestin Freinet vai a Bar-sur-Loup também lecionar naquela escola rural. Em seu livro narra com perfeição sua chegada e seus sentimentos e emoções ao fazer parte daquele experimento inovador que já funcionava. Ela fica impressionada com a proximidade dos alunos e com a administração de seu tempo/vida escolar que eles exercem. E fala sobre a desordem que aquele ambiente era, mas era mais como uma ordem dos alunos. Carteiras fora do lugar, estranhos objetos dentro da sala de aula, tudo ao

alcance de todos, muita coisa ao chão e espalhada. Dentro da sala de aula eles tinham uma biblioteca que

tem tendências nitidamente ambulantes e para poderem estar ao alcance de todos, os livros descem das prateleiras e instalam-se conforme a vontade dos garotos numa carteira, num banco (...) (FREINET, 1978, p.61)

Neste mesmo ano, um jornal da alta burguesia publica uma reportagem elogiosa sobre Freinet e suas inovações pedagógicas. Não querendo ficar para trás, outros jornais também fizeram reportagens e críticas positivas, mesmo aqueles que posteriormente difamaram Freinet. Porém, um jornal da França, o Petit Niçois, na mesma época publicou uma crítica ao trabalho de Freinet, e obteve uma resposta íntegra e direta do educador. Este mesmo jornal mais tarde, em outro momento de intervenção de Freinet, o elogiou.

Quanto custa teu sorriso?
 Quanto custa teu suor?
 Quanto te custa ser forte?
 Quanto custa tua dor?

E tuas conquistas?
 Quanto custa tuas mortes?
 Quanto te deixa morrer por elas?

No peito a bravura,
 No coração uma chave.
 Quanto custa o cadeado que te alimenta de coragem?

Quanto custa seu ideal?
 Quantos ideais movem teu custeio?

Quanto te custa reagir ao que te dizem?
 E quanto se move ao conseguir dizê-los?

O ensino e a arte são duas coisas perfeitamente distintas, que raramente andam juntas. Enquanto as crianças estiverem afastadas da arte contentaram-se com a escola, mas, quando souberem que fechando a cartilha têm o direito de largar a gramática e mesmo assim de conquistar a imortalidade, porão de parte os programas, os horários e o trabalho e só cuidarão da sua plantazinha da vaidade: e quem a semeou foi o Senhor, Sr. Freinet. Quantos remorsos não há de sentir! (FREINET, 1978, p.65)⁵

⁵ Reprodução da crítica feita a Freinet por um jornalista e descrita por Elise Freinet em seu livro de 1978.

Eu pretendia acima de tudo contribuir para um maior desenvolvimento do bom senso dos filhos dos trabalhadores. Espero que quando crescerem os meus alunos se venham lembrar daquilo que são verdadeiramente as folhas impressas: vulgares pensamentos humanos que estão infelizmente bastante sujeitos a erro. E do mesmo modo que hoje criticam os seus modestos impressos, assim espero que mais tarde saibam ler e criticar os jornais que lhes forem apresentados. (Ibidem, p.66)⁶

E no fim de 1926 Freinet lança uma publicação: “A tipografia na escola”, fato que fazia com que abrangesse os contatos para novos adeptos do movimento e aumentasse a rede de correspondência entre os alunos. Essa publicação traz muitos professores para visitar a classe de Freinet e conhecer seu trabalho. Mas, até mesmo os visitantes e professores que tinham intenção de conhecer o método tinham dificuldade de compreendê-lo e aplicá-lo já que eles também tinham sido educados pela escola tradicional, controladora e impositiva, a qual Freinet renuncia e se opõe cada vez com mais afinco.

Freinet entendia a escola tradicional como um fruto e um instrumento da e para a burguesia. Para ele a escola era atormentada pelo futuro imediato, tão buscado pelo capitalismo.

Para a maioria dos pais, o que importa, com efeito, não é de forma alguma a formação, o enriquecimento profundo da personalidade dos seus filhos, mas a instrução suficiente para enfrentar os exames, ocupar lugares invejados, entrar nesta escola, ou agarrar-se àquela administração. (...) é a consequência de uma concepção demasiado utilitária da cultura, da crença exclusiva na virtude da aquisição formal. (FREINET, 1973, p. 24)

Criticando este modelo de sociedade que venera o capitalismo e assim cria seus filhos, cercando modelos, atitudes e ideais, lembro-me de um trecho de uma música da Legião Urbana, “Geração Coca-cola”. Na época de Freinet com certeza a geração não era essa, porém, não vejo muita diferença, além da intensidade que, hoje em dia, me entristeço em dizer que é maior, do desejo pela disseminação do capitalismo e por alcançar a classe dominante, que infelizmente não é da maioria:

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos USA, de 9 às 6.
(...)
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.

⁶ Reprodução da resposta de Freinet ao jornalista que o criticou, também descrita no livro de Elise.

Depois de vinte anos na escola
 Não é difícil aprender
 Todas as manhas do seu jogo sujo
 Não é assim que tem que ser?

No seu livro “Para uma escola do povo” (1973) explica que o feudalismo teve a sua escola: feudal; que a Igreja fez sua educação especial; que o capitalismo criou uma escola bastarda, “com sua verborrêia humanista disfarçando a timidez social e o imobilismo técnico” (p.30) Termina com esperança e entusiasmo, sugerindo uma escola do povo que não seja fruto da política hegemônica e da classe dominante:

Ascendendo ao poder, o povo terá a sua escola e a sua pedagogia. Esta ascensão já começou. Não esperemos mais para adaptar a nossa educação a um mundo novo que está em vias de nascer. (FREINET, 1973, p. 30)

Ele condenava o distanciamento com a vida que a escola tradicional impunha a seus alunos e perguntava: “Vocês já tentaram às vezes conhecer os temas profundos das inúmeras distrações de seus alunos?” (FREINET, 1998, p. 86)

A porta se fechou, e, dentro dessas paredes sabiamente revestidas de mapas e de lousas, vocês pregaram uma moral que é estranha a eles, se não indiferente; ofereceram-lhes ou impuseram-lhes a leitura de textos que estavam a cem léguas de suas preocupações vivas; vocês tentaram lições que, como bem percebiam, passavam ligeiramente pelas mentes que muito raramente vocês conseguiam atingir ou prender. (FREINET, 1998, p. 86)

Freinet procurou na sua sala de aula uma educação que respondesse às necessidades das classes populares, opondo-se literalmente à educação tradicional (passiva e opressora) bem como que se adaptasse às suas condições físicas (CABRAL, 1993). Considerava a escola desligada da vida, distante da família e dogmática. Não deve haver necessidade de adaptar as crianças a essa sociedade e fazê-las, controladamente, aprender como agir nesse mundo que não é deles. É preciso fazê-los viver, experimentar, sem as regras impostas desta sociedade mas com voz ativa, com poder de questionamento, sem imposições coercitivas, e respeitando a idéia de que todas as crianças tem o direito de crescer em liberdade, independente de diferenças de caráter, inteligência e/ou meio social. A educação deve ser pautada na atividade

e na criação. Pelo fato das crianças exercitarem aptidões criadoras, imaginativas, inventoras, é preciso uma pedagogia e psicologia da construção e do movimento. Pensando nisso, Freinet desenvolve uma

escola prazerosa, onde a criança queira estar, permanecer, onde o coração, a afetividade e as emoções predominem, onde haja alegria e prazer para descobrir e aprender. (ELIAS, 2008, p.13)

Poderia dizer, assim como primeiramente li na monografia de meu amigo Rafa (Rafael Manfrinatto de Carvalho,), uma pessoa muito especial com quem compartilho tanta energia impulsionadora, e que depois, vi em muros que me fizeram refletir a frente de cada um deles: “o amor é importante. porra”.

O maior objetivo de Freinet é romper com essa escola considerada autoritária, sem sentimento nem emoção e na qual nem ao menos se pode manifestá-las, e propor algo totalmente oposto, onde a criança tenha papel ativo, onde possa falar e se manifestar, onde haja prazer e predomine o método natural, o qual parta da experimentação, do erro, da inquietação, da curiosidade. Traz uma concepção antropológica da educação, inovadora, na qual o foco central é o trabalho. Entende que deve-se levar o educando a construir a própria realidade histórico-social.

A música “Química” da banda Legião Urbana, desabafa, em uma melodia excitante e animada, o que supostamente os adolescentes gostariam de dizer a essa escola que não atende às suas necessidades e seus desejos:

Estou trancado em casa e não posso sair
 Papai já disse, tenho que passar
 Nem música eu não posso mais ouvir
 E assim não posso nem me concentrar
 Não saco nada de Física
 Literatura ou Gramática
 Só gosto de Educação Sexual
 E eu odeio Química
 Não posso nem tentar me divertir
 O tempo inteiro eu tenho que estudar
 Fico só pensando se vou conseguir
 Passar na porra do vestibular
 Não saco nada de Física
 Literatura ou Gramática
 Só gosto de Educação Sexual
 E eu odeio Química, Química, Química

Chegou a nova leva de aprendizes
 Chegou a vez do nosso ritual
 E se você quiser entrar na tribo
 Aqui no nosso Belsen tropical
 Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão
 Ter filho na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão
 Ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão
 Você tem que passar no vestibular
 Você tem que passar no vestibular

Freinet entende que o papel do educador é de ajudar a criança e conduzi-la a um meio em que seja possível se lançar aos seus caminhos. No qual suas aptidões, gostos e necessidades sejam atendidas e mediadas pelo educador. Ele deve entender primeiramente em que meio estão inseridos e abandonar a rotina tão satisfatória e confortável que a pedagogia tradicional e opressiva lhe dá. Segundo ele a libertação pedagógica cabe aos próprios educadores e dependendo dos procedimentos que utiliza ele pode levar ao desinteresse e desatenção dos alunos. Não há necessidade de longas aulas expositivas, utilização excessiva dos manuais, de tarefas, exames, provas. O ensino deve interessar ao aluno, se o contrário acontecer há algo de errado.

Segundo Freinet (1998), não há nada mais tentador para os professores do que a escola tradicional, e isso é perigoso. “Ela separa a árvore de suas raízes, isola-a do solo que a nutre. Cabe-nos reencontrar a seiva” (p.83).

Cada vez mais revoltado e parcial ao se deparar com os manuais escolares, lança o *slogan* “ABAIXO OS MANUAIS ESCOLARES”, o que lhe rendeu um artigo na revista *Clarté*, aquela do Partido Comunista a qual já escrevia desde 1925, para disseminar sua idéia e sua insatisfação:

Os manuais são um meio de embrutecimento. Servem (...) os programas oficiais. Alguns chegam a agravá-los. (...) Declaram que facilitam e ordenam o trabalho do professor: orgulham-se de seguir passo a passo os... programas, o que havia de ser? E a criança que os siga se puder. Não foi dela que se ocuparam. É por isso que os manuais fomentam quase sempre a sujeição da criança ao adulto e muito particularmente à classe que, por meio dos programas e do seu próprio prestígio, dispõe do ensino. (...)os manuais destroem todo o sentido crítico; e é provavelmente a eles que se devem essas gerações de semianalfabetos, que acreditam em tudo o que diz o jornal. (...)é realmente necessária uma guerra aos manuais.(...) É absolutamente necessário que os educadores se libertem dessa

distribuição mecânica para poderem dedicar-se de um modo muito particular à educação da criança... (FREINET, 1978, p. 48-49)

A partir disso começa a escrever circulares para se comunicar com os adeptos do movimento, o que consolida ainda mais a cooperativa (CEL).

Em 1928, Freinet transfere-se para Saint Paul, onde a escola é precária em termos de infra-estrutura: muito antiga e sem recursos. Era localizada em um vilarejo que apaixonou o casal Freinet pelo ar de medieval que dele imanava. Mas já ao começar na escola via em seu rosto um tom melancólico pelas mesas arrebitadas, assoalho descuidado, goteiras e umidades. Ao falar com o presidente da Câmara, achando que algo resolveria, este nada fez justificando a pobreza para a educação. Freinet é obrigado a pensar mais profundamente na pedagogia e assim incentivar seus alunos. Não foi difícil.

A proposta de Freinet tem a intenção de se relacionar com o meio: “O meio deve ser determinante para a mudança” (ELIAS, 2008, p.39), e por isso a integração da escola e do ensino com a família, que são dependentes da sociedade em que se inserem. Em seu livro “Para uma escola do povo” (1973) descreve os *princípios gerais da adaptação ao meio do novo comportamento escolar*, já que essa integração com o meio foi a primeira e primordial condição e impulso para a criação de sua pedagogia. São eles:

1- **objetivos da educação:** Que queremos obter das nossas crianças?

Após discorrer sobre o momento político, o capitalismo, que as crianças estão inseridas e como isso penetra na educação, há a definição: “a criança deverá desenvolver ao máximo a sua personalidade no seio de uma comunidade racional que ela serve e que a serve” (FREINET, 1973, p. 24)

2- **A escola centrada na criança:** permitir que a criança enfrente com o máximo de realização o seu destino de homem.

3- **A própria criança constrói a sua personalidade com a nossa ajuda:** não terá importância a matéria a memorizar nem a ciência que deve ser estudada, mas a saúde e o interesse do indivíduo, as produções artísticas e ativas, as possibilidades de se agir, a riqueza do meio educativo, o material e as técnicas que proporcionará a educação natural.

4- **A escola do futuro será a escola do trabalho:** “O trabalho

será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advirão todas as aquisições.” (FREINET, 1973, p.27)

5- **Preferimos cérebros bem estruturados e mão experientes a cabeças cheias de conhecimentos:** a escola deve voltar as costas ao vício de uma instrução passiva e formal pedagogicamente condenada. As mão experientes devem, após aturados esforços e preconceitos, impor a sua superioridade.

6- **Uma disciplina racional, emanção do trabalho organizado:** “O que terá desaparecido, é efetivamente aquela disciplina formal exterior sem a qual a escola atual seria apenas caos e vazio” (FREINET, 1973, p.28)

7- **Uma escola do século XX para o homem do século XX:** A escola deve largar os tradicionalismos de outra época e se instaurar no meio social do século XX, em que ela aparece.

8- **Esta readaptação far-se-á a partir da base:** a base é o equilíbrio, a harmonia a serviço da vida. As crianças são chamadas para construir um mundo. Que não deixemos desmoronar!

9- **A complexidade social dessa readaptação:** “Quaisquer que sejam as convulsões que acompanhem o nascimento de uma ordem, a nossa revolução pedagógica deverá nascer da desordem(…)” (FREINET, 1973, p.29)

10- **A escola do povo não poderá existir sem a sociedade popular:** A prática e o desenvolvimento da escola deve ser condicionado pelo meio familiar, social e político para que se possa conceber para ela uma hipotética libertação autônoma.

Em 1933 a campanha contra Freinet fica mais intensa. Seus textos, e os das crianças são analisados e sua pedagogia é considerada subversiva, por todas as questões até agora descritas. Freinet é banido do Sistema de Ensino Público. Nesse momento é convidado a voltar para Bar-sur-Loup, onde era muito bem recebido, mas recusou já que pretendia continuar expandindo o conhecimento das pessoas e educadores sobre sua pedagogia. Além disso, gostaria de ensinar mais crianças e efetivar o que tanto planejava. Em 1935 começa a lecionar na primeira escola proletária particular, em Vence, nos Alpes Marítimos. Lá consegue ter autonomia

suficiente para desenvolver outros instrumentos de sua proposta, mas é interrompido pela 2ª Guerra Mundial.

Uma manhã, durante as aulas, um grupo de policiais irrompeu pela escola: ficamos gelados! Pela força das circunstâncias eles faziam o papel de acusadores e nós o de acusados... Fazem uma busca minuciosa e trava-se uma luta tenaz. Os seus argumentos tem muito de mentira e de falsidade.(...) –Foi o senhor que editou aquele panfleto clandestino do Humanité! Foi o senhor! Confesse! Foi o senhor, foi o senhor, foi o senhor! Olhe ali, naquela estante, Marx, Lénine, Estáline... –E aqui tem a Bíblia e a vida de Jesus! (FREINET, 1978, p. 446)

Freinet foi mandado para o campo de concentração de Saint-Vichy-Maximin até 1941, onde escreve “A educação do Trabalho” e “Ensaio da Psicologia Sensível Aplicada à Educação”.

Quando retorna continua os estudos buscando essa pedagogia do Bom-Senso e cria, em 1947, a ICEM (Instituto Cooperativo da Escola Moderna) que visa a pesquisa para os meios educacionais. É nessa época que ele define os princípios gerais de uma pedagogia popular.

Mesmo após ter dedicado sua vida para uma construção de uma pedagogia que atendesse o proletariado e que olhasse para a criança como um ser “fazedor” de sua história social, foi acusado em 1950 de fazer uma pedagogia voltada à burguesia e a serviço dela.

Em 1966 faleceu e a Cooperativa formada pelos adeptos do movimento criado por Freinet conseguiu espalhar pelo mundo a idéia de que “só através da **cooperação** é possível educar as novas gerações” (ELIAS, 1997, p.31)

Sua proposta se alicerça em quatro eixos: a **livre expressão**, a **cooperação**, a **autonomia** e o **trabalho**. E age de acordo com necessidades de cada criança para motivar, organizar e realizar seu trabalho em relação ao seu meio.

As necessidades são:

- Expressar seus sentimentos e suas idéias (ponto de partida);
- Comunicar-se com os outros (melhorar a escrita);
- Criar, agir, conhecer (aprofundamento dos interesses a partir da livre expressão);
- Organizar-se (nova organização por meio do teste experimental);
- Avaliar-se.

Algumas outras técnicas e/ou instrumentos utilizadas para se trabalhar no contexto desta pedagogia, além dos já citados, são: a **roda de conversa**, o **texto livre**, o **jornal de parede**, os **ateliês**, os **planos de trabalho**, as **aulas-passeio**, entre outras.

A **roda de conversa** é um espaço que acontece para que as decisões do grupo sejam tomadas e para que haja o surgimento de projetos que os alunos julgarem relevantes.

O **texto livre** é uma construção de uma comunicação que tenha como intenção o jornal de parede, a opinião a ser lida numa roda de conversa, o texto que será escrito no livro da vida etc.

O **jornal de parede** é o instrumento que lida mais especificamente com as questões interrelacionais e os conflitos entre as pessoas da escola. Nele há espaço para a expressão, reflexão e organização do grupo. Ele é composto por quatro envelopes pregados na parede durante toda a semana. Cada envelope tem uma intenção: *crítica*, *felicitação*, *pergunta* e *sugestão*. Quando algum aluno tem desejo de comentar sobre um fato ocorrido, sobre o cotidiano escolar, aulas ou situações de conflito na escola, ele escreve em um papel e o coloca dentro de um dos envelopes, de acordo com o tipo de comentário que o aluno deseja fazer. Em um dia específico e combinado, esses envelopes são abertos em uma roda de conversa e há um debate sobre as perguntas, as críticas, as sugestões e as felicitações lá inseridas. Deste modo os alunos podem discutir juntos sobre atitudes que devem ser tomadas, regras que devem ser feitas e decisões são tomadas de maneira coletivas. Esse instrumento é muito importante para os alunos aprenderem a se manifestarem, a exprimirem suas opiniões, a exercitarem a democracia (de esperar um momento específico para se falar sobre aquilo), a resolverem em conjunto os problemas entre eles e a falarem sobre o que ocorre em seu cotidiano e o que isso causa em seu interior, sua personalidade. Assim é possível o exercício da cooperação, da autonomia, do convívio em grupo e da cidadania.

Assim como estes instrumentos propostos, todos os outros não perdem de vista o que a pedagogia propõe e assim pretende a partir do trabalho suprir as necessidades da criança, se alicerçando nos eixos fundamentais desta pedagogia.

Com sua proposta pedagógica edificada, Freinet acreditava na coletividade e pretendia com isso criar uma escola do povo. A partir disso, criou as 30 invariantes pedagógicas, as quais guiavam toda a sua proposta de pedagogia. Elas são:

1. A criança é da mesma natureza que o adulto.
2. Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.
3. O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional.
4. A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.
5. A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida, quando isto significa obedecer passivamente uma ordem externa.
6. Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atitude imposta é paralisante.
7. Todos gostam de escolher o seu trabalho mesmo que essa escolha não seja a mais vantajosa.
8. Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.
9. É fundamental a motivação para o trabalho.
10. É preciso abolir a escolástica.
 1. Todos querem ser bem-sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.
 2. Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.
11. Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.
12. A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, o qual se encontra verdadeiramente a serviço da vida.
13. As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiro regras e leis é colocar o “carro na frente dos bois”.
14. A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.

15. A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que não atua fora da realidade mas fica fixada na memória por meio de palavras e idéias.
16. A criança não gosta de receber lições autoritárias.
17. A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos de sua vida.
18. A criança e o adulto não gostam de ser controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.
19. As notas e classificações constituem sempre um erro.
20. Fale o menos possível.
21. A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa.
22. A ordem e a disciplina são necessárias na aula.
23. Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de paliativo.
24. A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida pelo trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.
25. A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.
26. A concepção atual das grandes escolas conduz professores e alunos ao anonimato, o que é sempre um erro e cria barreiras.
27. A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.
28. Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.
29. A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com o qual temos que contar, sem que se possa evitá-la ou modificá-la.
30. É preciso ter esperança otimista na vida.

Este educador nos mostra, além de uma pedagogia apaixonante, uma história de vida intensa e um comprometimento imenso: de amor, de dor e de desejo. Mais do que nos

orientarmos por estes ensinamentos pedagógicos que este educador tão importante nos deixou, é necessário e útil criarmos e recriarmos todos os dias nossos experimentos e experiências em cima do que nos foi apresentado aqui e do que temos em nossas mentes, ideais e meios sociais.

Que nunca aceitemos como definitivas nem mesmo as opiniões mais sólidas; sobretudo aquelas que nos afirmam estarem consagradas por uma longa tradição, e que nunca tenhamos repassar pelo crivo de uma experiência incessante os conhecimentos ou métodos que se oferecem à nossa atividade. E ainda a melhor coisa para não se desnortear nessa atitude, para evitar a atitude negativa e destrutiva do cético, é não praticá-la isoladamente, é buscar a crítica e o controle dos que exercem a mesma função. E ainda que o controle e a experiência pareçam ser concretos, deve-se tomar o resultado apenas como relativo, sujeito a revisão, modificações, a adaptações segundo os meios e a época. (ÉLISE FREINET apud ELIAS, 1997, p.15)

E deste modo faz canção
 Deste modo faz cantar
 Faz proliferar:
 o que é fera,
 o que é prol.

Faz o sonho já não sonhar
 E faz surgir a busca,
 A brecha,
 A flecha,
 A utopia
 O possível de proliferar
 Deixando a fera virar prol
 Fazendo o prol se transformar.

Até aqui tive a intenção de descrever, em linhas gerais e, é claro, sob a minha perspectiva, minhas escolhas, minhas paixões e o que mais toda pesquisa carrega do pesquisador, como é a Pedagogia Freinet: de que modo ela nasceu, como se concretizou, como se consolidou e como ela funciona, seus instrumentos etc. Daqui para frente tenho outra intenção: mostrar uma pesquisa feita em uma escola Freinet, cujo objetivo foi estudar as manifestações agressivas em escolas com linhas pedagógicas distintas.

A escola freinetiana onde foi realizada a pesquisa descrita na metodologia deste capítulo se localiza no município de Campinas-SP e é uma escola privada, na qual alunos desde o ensino infantil até o Ensino Fundamental II (8ª série ou 9º ano) podem estudar.

Durante os dias de observação no recreio e após as entrevistas com professores e coordenadora pedagógica ficou comprovada a presença de atos agressivos entre os alunos. Foi possível observar, além disso, o modo como as crianças lidam com as relações interpessoais (com seus colegas, professores, direção, coordenação) e os modos de intervenções que a escola (os adultos ali presentes) executa, já que fiquei presente naquele ambiente por duas semanas, dentre 6 observações e 7 entrevistas.

O recreio, um dos componentes que foi observado e analisado, nesta escola, é composto por dois períodos distintos: nos primeiros 15 minutos os alunos se reúnem com sua turma e seu professor em uma grande mesa localizada perto da cantina, onde é servido o lanche e onde todas as salas estão reunidas, cada uma em uma mesa distinta. O lanche é trazido cada dia por pais diferentes e deve servir toda a sala. Cada dia há um aluno ajudante que auxilia o professor na distribuição do lanche aos seus colegas. Então o professor e o ajudante servem o lanche e todos sentam à mesa para comê-lo. Após este momento do lanche as crianças podem descer para o pátio: espaço Freinet, parque, quadra. E nesses outros espaços acontece o recreio, também de 15 minutos.

O ambiente físico do recreio é composto por um pátio coberto, denominado espaço Freinet, onde algumas crianças jogam bola, outras utilizam materiais diversos, como arcos, cordas, bastões e outras fazem algumas brincadeiras, como queimada, pega-pega, esconde-esconde, e principalmente um jogo inventado por eles que utiliza uma bola e há 4 participantes. Há uma quadra descoberta, onde vários alunos de diferentes turmas brincam com bola na maioria das vezes: futebol, basquete, queimada e outras brincadeiras. No parque, local que está sempre lotado, a diversão acontece na maioria das vezes permeada e orientada pelos brinquedos de madeira que lá estão: escorregador, casinha e outros. Na escola, no espaço externo às salas de aula há muito ambiente aberto, em meio à natureza, onde as crianças podem se locomover e brincar livremente entre árvores, arbustos e caminhos nas sombras das plantas.

Durante o recreio os alunos têm a oportunidade de pegar materiais para serem utilizados na hora do recreio, como corda, materiais de circo (perna de pau, malabares) e diferentes tipos de bolas. Todos estes materiais devem ser devolvidos ao final do recreio e esse controle é feito por meio de registro pelas monitoras que cuidam do recreio e auxiliam os alunos em suas atividades.

Os maiores conflitos observados no momento do recreio ocorreram no pátio coberto e principalmente na quadra, locais onde os alunos provavelmente interajam mais entre si, já que as brincadeiras comumente acontecem em grupos e dificilmente individualmente. Os tipos de conflitos que foram presenciados, na maioria das vezes, diziam respeito a negociações que os alunos gostariam de fazer: para utilizar a quadra, mudar o jogo, entrar na brincadeira, ou então à desrespeitos, que causavam raiva, irritação e impaciência para conversas mais profundas. Esses atos de desrespeito geralmente eram empurrões durante o jogo, atitudes “fominhas” nas brincadeiras com bola, egoísmos que não permitiam outros alunos entrarem em quadra, xingamentos quando a habilidade para a atividade não se manifestava de acordo com o esperado, entre outros.

Porém, aparentemente de uma forma geral, os alunos sabiam como lidar com os conflitos que ali eram manifestados: era notória a comunicação e o diálogo entre os envolvidos nas brincadeiras e presentes no recreio. Era perceptível a facilidade ou pelo menos a tentativa de conversa para que conseguissem chegar a um consenso que os permitissem brincar naquele tempo e espaço. Isso fazia com que as atividades na hora do recreio acontecessem, independente do espaço e das pessoas que ali estavam, e o recreio, deste modo, cumpria o seu papel. Exemplificando isso: “(...) na quadra, um grupo de meninos joga futebol, um outro menino chega com outra bola na mesma quadra e brinca paralelamente.” (trecho do diário de campo das observações no recreio escolar da escola Freinet). Isso mostra claramente a interação possível e o respeito ao outro. Mesmo quando os alunos não queriam jogar conjuntamente, o que é direito deles, respeitava-se e delimitava-se um espaço para que outras pessoas pudessem permanecer ali jogando outras coisas concomitantemente. O desafio e o combinado eram para que um não atrapalhasse a brincadeira do outro já que todos tinham o direito de se divertir num momento próprio para isso como o recreio.

O entendimento por parte das crianças sobre o que significa o momento do recreio, assim como o fato de seus colegas possuírem desejos, sentimentos e emoções como qualquer outra pessoa e que todos devem se divertir sempre respeitando os limites da diversão do outro foi construído, juntamente com as crianças ao longo do tempo na escola. Todos os dias os professores destinam parte do tempo de aula para que a conversa se efetive e assim os alunos tenham o entendimento e a compreensão de suas atitudes e de seus colegas. Além disso, para decisões que dizem respeito ao recreio, reuniões e assembléias são organizadas pela escola, com

ajuda dos alunos, para que o diálogo acerca das atitudes e dos conflitos nesse espaço/tempo se efetive, e assim combinados possam ser acordados.

No período de observações no recreio escolar (6 dias), durante o momento do lanche coletivo e do recreio, foram constatados alguns atos agressivos, mostrados na tabela 1:

TABELA 1
quantidade de atos agressivos observados no recreio na Escola Freinet

Atos Agressivos	Quantidade
Provocação	13
Empurrão (derrubar)	3
Imobilização	2
Ameaça	1
Total	19

É consciente que a contagem exata dos atos agressivos não evidencia claramente o que acontece na escola visto a dificuldade de observar os diferentes espaços do recreio ao mesmo tempo. Por isso, essa tabela tem o caráter visual e exemplificativo de entendermos em números como as coisas aconteceram e foram registradas. Mas, essas informações de nada valem se não comentadas, analisadas e questionadas, como faremos a seguir.

Como mostra a tabela acima (1), o ato agressivo presenciado mais frequentemente foi verbal, na forma de provocações. Provavelmente isso aconteceu e acontece no cotidiano das escolas por ser, essa atitude, uma das ações mais simples de ser feita. Isso perante a banalidade que o ato assume e aparece hoje em dia em distintos meios (televisão, conversas etc), já que é possível de ser executado sem que nenhum adulto perceba, ou ainda pela falta de maturidade da criança em prever o dano ao colega, além de poder acontecer pelo impulso e pela falta de reflexão sobre o ato. Qual será o limite, para estes alunos, entre o diálogo construtivo e a violência verbal? Será este tipo de violência já uma punição à algum comportamento não aceito? Ou a agressividade se faz presente para a imposição de condutas? Estas perguntas, no momento inicial da observação, dificilmente podem ser respondidas, porém, as entrevistas têm o papel de esclarecê-las ou até escurecê-las, dando voz aos alunos atores da escola, as quais discorrerei sobre em breve.

Em seguida, na ordem dos atos agressivos mais presenciados, temos o ato de empurrar sendo frequente, com 3 atos no intervalo de tempo de 6 recreios. Isso pode caracterizar o que Shaffer, em 2005, classificou como agressividade instrumental, que é aquela que tem como

finalidade conseguir algo. No caso do recreio isso pode acontecer quando se deseja conseguir algum material (bola, corda, materiais de circo, brinquedos) ou quando a intenção é a entrada em alguma brincadeira, a vitória em algum jogo, a conquista de um espaço, entre outras. Durante as observações atitudes como estas foram presenciadas.

Se eu correr você me bate
Mas se eu ficar
Você me dá?

Um pedacinho desse chiclete
É tudo o que eu quero sem brigar!

Uma bola você vai ver
E vai ter que estourar
Meu chiclete colorido
Que eu tenho pra te dar.

Nesse tempo houve também a presença de duas imobilizações, sempre ligadas a algum objetivo externo ao aluno: por exemplo, de se conseguir algo, como ocorrido e registrado no diário de campo quando os alunos brincavam entre as árvores e um deles desejava subir na árvore antes de seus colegas. O aluno em questão segurou o colega que iria subir anteriormente à ele para que pudesse ser o primeiro.

Nesta escola, durante este período de observações nos 30 minutos de recreio, pode-se presenciar, em números absolutos um total de 19 atos agressivos. Estas ações podem ser divididas em dois grupos: o primeiro deles são aquelas ações agressivas as quais foram apresentadas na tabela acima e demonstram atos primários, que começaram o conflito; já o segundo trata-se dos revides, que perpetuam a violência no conflito após um ato agressivo e contabilizam 4.

Os revides são evidenciados na tabela 2 abaixo:

TABELA 2
revides por atos agressivos Escola Freinet

Atos agressivos	Quantidade	Forma de revide
Provocação	9	Provocação (2)
Empurrão (derrubar)	3	Provocação (2)
Imobilização	2	Sem revide
Ameaça	1	Sem revide
Total	15	4

Os atos agressivos que mais geraram revides foram as provocações e os empurrões, que foram também os atos mais frequentemente observados. O primeiro, a agressividade verbal, talvez tenha gerado revides tão aparentes pelos mesmos motivos que a provocação foi o ato agressivo mais frequente: a facilidade em realizá-lo, e assim, de respondê-lo.

Uma constatação importante nesta escola é que nenhum revide foi executado por meio de atos agressivos físicos como chutes, tapas, socos, e nem por incentivos. Isso talvez mostre uma tendência dessas crianças para a conversa, o diálogo, mas a qual nos momentos das agressões verbais foi inadequada. Não esquecendo também que em vários outros momentos foi percebido nas observações que a conversa resolvia as intrigas e os conflitos e que eles utilizavam tal artifício constantemente. As provocações como revide foram constatadas após atos verbais e empurrões. O fato de terem sido agressivos de forma verbal pode significar uma tentativa de conversa. É importante observarmos a relação entre a agressividade do ato de empurrar, que é físico, sendo revidada com um ato verbal sem implicações físicas violentas. E aí, mais uma vez questiono: O que faz essas crianças agredirem verbalmente após um ato violento? Qual é o limite delas entre a agressão verbal como revide e um possível ato violento físico?

A fim de entender como a escola lida com estes atos agressivos e de investigar acerca da quantidade de violência presente na escola assim como suas resoluções, sentimentos e atitudes, tanto das crianças quanto de qualquer outro personagem da escola, foram feitas entrevistas com alguns atores do ambiente escolar.

Primeiramente a coordenadora pedagógica foi entrevistada, sendo questionada sobre a linha pedagógica que a escola segue e como a escola lida com as questões da agressividade. Ela afirmou durante a entrevista que a escola segue a Pedagogia Freinet e que resumidamente se preocupa com a democracia e com as questões humanas, como dignidade e a busca da autonomia de seus alunos. Disse que o tipo de educação que acreditam é aquele que seus alunos “(...) ao longo do processo escolar possam ir adquirindo autonomia, confiança, segurança, né, uma pedagogia que tem uma proposta de trabalho, uma pedagogia do trabalho.” (trecho de entrevista com a coordenadora pedagógica da escola Freinet).

Ela acredita que a escola é um local de convivência onde os alunos trazem suas inquietações, seus conflitos, suas dúvidas para serem resolvidas. E que isso deve ser de

conhecimento de todos os adultos deste ambiente. Por isso é importante trabalhar essas questões humanas com os alunos, para eles aprenderem a lidar com o mundo e a lidarem consigo mesmos. Segundo ela, um elemento primordial para isto é o jornal de parede: *“Garante um momento de resolução de conflito, garante um momento de que os professores possam ouvir as crianças e ajudá-los na resolução dos problemas, que eles possam trocar as críticas, que eles possam trocar as sugestões. Então assegura para criança esse momento de formação mesmo, formação crítica, de formação bastante pautada no respeito mútuo, valorizando as diferenças, valorizando a formação da personalidade dele(...)”* (trecho de entrevista com a coordenadora pedagógica da escola Freinet).

Deste modo, a coordenadora assume que na escola há conflitos entre os alunos mas que não há muitos casos de agressão. A partir disso, ela mostra a importância dos conflitos e do modo de resolvê-los, como o jornal de parede, o diálogo, as assembléias e as conversas. Ela acredita que a escola é um ambiente também das crianças e por isso suas regras devem ser construídas coletivamente por elas e pelos adultos e educadores que ali estão. A criação das regras e, portanto, a verificação destas regras quando seguidas ou não, é importante para a autonomia da criança.

Sobre o modo de intervir quando atos agressivos ocorrem, ela diz, primeiramente, apenas mediar uma resolução entre os envolvidos, apenas presenciando um diálogo administrado pelos alunos. E, se isso não progredir, ela chama os envolvidos e participa da conversa. Se mesmo assim não houver resultado, os pais, segundo ela atores importantíssimos na educação das crianças, participam das decisões a serem tomadas. E aí ela diz que às vezes há casos da criança perder o direito de permanecer na escola, mas que isso é bem raro. A partir deste ponto mencionado ela cita a importância em mediar também a relação entre pais e escola, mostrando o quanto é preciso uma relação saudável em casa e a participação dos pais na escola, o que Freinet também propõe em sua pedagogia. Ela mostra que a escola acredita na parceria entre ela e os pais, pois isso resulta numa maior confiança de ambas as partes.

Finalizando, a coordenadora fala sobre a agressividade, que é um tema que vai sendo construído pelas relações, de aluno com aluno, aluno com professor e professor com aluno. E que o processo de construção destas relações é importante para este tema.

Em entrevista com os professores, de Educação Física e duas outras professoras de sala, constatou-se que há uma similaridade nas respostas destes e da própria

coordenadora pedagógica, o que mostra uma coerência do trabalho executado na escola e por estes profissionais.

Os professores também falam da importância das regras, que devem ser construídas coletivamente pelas pessoas que participam do ambiente escolar (os alunos e os professores) e do diálogo como meio de resolver os problemas e os conflitos que acontecem dentro da escola. Todos os professores falaram sobre a existência de agressividade na escola e disseram que na maioria das vezes são agressões verbais e sutis, por alguma contrariedade ou descontentamento do aluno. Quando questionados sobre o modo de intervenção ideal a se fazer quando atos assim ocorrem eles citam o diálogo, o jornal de parede, momentos de roda, assembleias, regras. Mas que se o aluno descumprir alguma regra, machucar alguém ou atrapalhar o trabalho que é de todos ele perde o direito de participar daquilo. Isso é lidar com a democracia e com os limites.

Todos os professores se baseiam muito no coletivo, nos direitos e deveres de todos que viverão conjuntamente: *“Acho que essa questão assim de saber que uma atitude vai ter uma reação que vai, bom, eles tem direitos e dever, então se descumpriu um direito, se descumpriu um dever, vai perder um direito. É por aí.”* *“Perder o direito de estar no grupo. Eu acho que é o que faz mais efeito. É a criança perceber que naquele momento, por conta daquela atitude, o grupo não a quer por perto e muitas vezes perceber que o professor não quer.”* *“O que mais tem funcionado é essa coisa mesmo de perder o direito a aula.”* (trechos de entrevistas com professores da escola Freinet).

Neste apanhado de trechos das entrevistas com os professores percebe-se a coerência em se trabalhar com as crianças, que terão o mesmo tipo de resposta para suas ações em diferentes momentos e ambientes dentro da escola, sem variação de atitudes de acordo com o professor.

Os alunos, em suas entrevistas mostraram que realmente há casos de agressão na escola e que estes são evitados com o jornal de parede e com a conversa. É interessante notar a importância de tais instrumentos para os alunos. Nas entrevistas quase todos os alunos falaram sobre o jornal de parede como um modo de resolução de conflito e que sustenta as decisões e o viver coletivamente. *“(...)eu falo que eu não gostei, ou que deveria fazer jornal de parede ou que deveria conversar”* (trecho de entrevista com alunos da escola Freinet).

Eles ainda falam do modo que a escola intervém, com conversas com os alunos, com a direção, e às vezes com os pais, mostrando ser eficaz este modo de agir. Mostram uma grande presença da direção quando é necessário.

Nenhum dos alunos desta escola se mostrou insatisfeito com a direção, professores ou com o modo de agir da escola frente a estes problemas da violência e agressividade. Eles contaram alguns casos de violência, mas também deixaram claro que a resolução deles é sempre possível e que eles poderiam evitar tais comportamentos com a conversa, o jornal de parede e outros instrumentos.

4.3 A escola Tradicional

A pedagogia Tradicional, que vemos hoje na maioria das escolas tanto públicas quanto privadas, se origina a partir de um decorrer histórico que pensou a educação que julgava mais adequada para cada momento. A pedagogia que vemos hoje nas escolas é um apanhado de várias correntes filosóficas e acontecimentos históricos que se transformaram coerentemente no que a sociedade de hoje espera de seus cidadãos. A estas escolas denominamos de tradicional.

O principal momento histórico, que impulsionou mais evidentemente qualquer semelhança e objetivo e que fez emergir e disseminar a pedagogia reinante hoje, foi a “época das luzes”, o Iluminismo do século XVIII. Almejava-se a luz e havia enorme reconhecimento a ela, uma forte relação com a luminosidade e ao conhecimento como esclarecimento para todos. A partir daí começou a dar-se uma grande importância aos pensadores, filósofos e cientistas, já que eles “iluminavam” o mundo com suas descobertas, deixando acessível o conhecimento, e assim, o homem poderia viver lado a lado com as verdades do mundo.

Tal linha filosófica, que guiou atitudes em seu século, teve suas raízes no século anterior (XVII), quando Descartes propunha a verdade, buscada pelo método de refletir e duvidar. A educação começou a se inspirar nessa idéia a partir daí.

Este século do Iluminismo foi essencial na educação já que promoveu a laicização da escola, a qual até então só ocorria por meio de doutrinas religiosas. Foi nele também que a educação se tornou estatal, por decisões dos governantes e assim claramente respondia às exigências da sociedade (ou daquela parcela que governava, e era assim, dominante).

A instrução que se propunha nas escolas era estatal, com finalidades civis, e nutrida de um saber moderno e útil para a sociedade. A escola carregava o objetivo de difundir os conhecimentos técnicos visando às necessidades que se apresentavam naquele momento à sociedade. Buscava-se uma educação progressista e inovadora, na qual se deveria “regenerar os povos submetendo-os ao domínio da razão” (CAMBI, 1997, p. 336). A centralidade passava do homem religioso e moral para o desenvolvimento racional de cada homem.

O Iluminismo coloca a educação como um motor da vida e da transformação social. O objetivo era de transformar os cidadãos em indivíduos livres. Para isso era necessário vencer a barreira da ignorância transformando as pessoas em indivíduos esclarecidos, ilustrados. O meio de se conseguir tal feito era principalmente por meio do ensino, da escola, da educação. A escola, vista por esta linha pedagógica, era considerada um antídoto à ignorância e tinha o objetivo de difundir a instrução, transmitindo os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. Essa concepção se mostra ainda hoje atual no campo da escolaridade.

A organização escolar deste modelo pedagógico é pautada nos antigos filósofos e pensadores do iluminismo, os quais continham o conhecimento que deveria ser passado para a comunidade. Este é, ainda hoje, o papel do professor na escola Tradicional. Ele é o centro da aprendizagem, o que contém o conhecimento e o transmite seguindo uma gradação lógica. Os alunos têm o único papel pedagógico de assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos a fim de buscar sua racionalidade. Até a palavra aluno se remete a tal corrente de pensamento. Aluno, do latim *alumnus*, *alumni*, proveniente de *alere*, que significa “alimentar, sustentar, nutrir, fazer crescer” (HOUAISS, 2001). E aí surge o sentido de que aluno é uma espécie de lactente intelectual. Aquele que ainda precisa receber tais necessidades, e uma delas é o conhecimento. O professor, portanto, deve depositar seu conhecimento para que aquele aluno o obtenha. Como um vaso que vai se enchendo de água e quando se completa está pronto para parar de aprender e sair da escola.

Os pensadores que influenciaram principalmente a educação, nesta época do Iluminismo, foram: Comênio, Rousseau, Bacon, Pestalozzi, entre outros. O principal deles é o autor da obra que mais fala de educação, e de forma inovadora: Rousseau com “Emílio” de 1762, um verdadeiro tratado da Educação. Esta obra, composta por cinco livros, traz mensagens do tipo: “O homem é naturalmente bom, a educação deve portanto, ser natural para que ela não

estrague o que a natureza ofereceu de positivo para o homem” (CAMPOS, [19--],p. 134) Neste conjunto de livros, ele coloca uma linearidade de vida como ideal, aquela na qual seu personagem, Emílio, nascia, aprendia, se desenvolvia e finalmente se casava.

Comênio, outro importante autor da educação nesta época escreve sobre diretrizes gerais para o funcionamento da instituição escola. Para ele a “educação deve visar à criação de indivíduos melhores e para isso ela deve utilizar o método de ensino como ferramenta para o bom desenvolvimento humano.” (FELIPE, FRANÇA e PEREIRA, 2007, p.3)

A pedagogia tradicional está muito presente nas escolas atualmente. A maioria dos colégios e faculdades, apesar do discurso, ainda privilegia a pedagogia tradicional (FABRA, 1979). Esta tem sua proposta de educação centrada no professor e no conteúdo a ser ensinado aos alunos. Prega a obediência e a ordem, de forma que todos os alunos aprendam sob as mesmas circunstâncias, e ao mesmo tempo, o mesmo conteúdo. E, além disso, existe a hierarquia, o respeito aos professores etc. que remetem aos grandes cientistas e pensadores, os quais desenvolveram os conhecimentos que ali são repassados. A principal função é passar aos alunos o conhecimento. Isto ocorre por meio de aulas expositivas, na maioria das vezes, e o método quase sempre é a memorização (FABRA,1979). Esse conhecimento será avaliado pelo professor e normalmente os alunos que se saem bem são premiados e os que não se saem são castigados. Esses castigos podem ser aqueles aos quais nos remetemos em pensamento quando nos dizem tal palavra (ficar sentado num canto da sala, perder o recreio, ficar estudando ao invés de brincar, entre outros), mas podem ser aqueles que, de forma sutil, oprime, humilha, desencoraja por meio de falas tendenciosas, exclusões de grupos, e outras atitudes.

A função primordial da escola é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, formação esta que o levará, ao inserir-se futuramente na sociedade, a optar por uma profissão valorizada. Assim começa a se traçar o caminho de vida dos cidadãos, o qual transporta para cada indivíduo as expectativas da sociedade e do mundo. É esperado que os homens e mulheres se modelem a isso e assim façam escolhas adequadas e já conhecidas. É este também o papel da escola: mostrar a partir de seu cotidiano e de seus exemplos, qual o caminho que cada um deve tomar.

Até hoje, nas escolas públicas e privadas tradicionais vemos muito do que se pensava desde aquela época. A partir do Iluminismo e da valorização da educação e de seus tratados e escritos, o Brasil, assim como outros países, percebeu o quanto deveria se empenhar

para que a educação de fato ocorresse neste país, e de acordo com o que se pensava sobre a educação naquela época: foi necessário um planejamento de uma escola laica, estatal, que visasse a racionalidade. De acordo com Felipe, França e Pereira (2007), a partir de aproximadamente 1870 que o Brasil começou a pensar na modernização do sistema de ensino para que refletisse o progresso, a visão de mundo ideal e mostrasse o projeto liberal da educação. Era necessário levar instrução para todos, principalmente para as camadas menos favorecidas economicamente para que estas se preparassem para o mercado de trabalho.

Segundo Freitas (2003, p. 13 e 14), a escola não apareceu do nada.

Foi constituída com uma determinada “forma” ao longo de um processo histórico que vai conformando seus tempos e o uso de seus espaços. O espaço mais famoso da escola é a sala de aula e o tempo mais conhecido é o da seriação das atividades e dos anos escolares. Essa construção obedece a certas finalidades sociais, já que a escola é uma instituição social. Pode-se mesmo dizer que a escola institui seus espaços e tempos incorporando determinadas funções sociais, as quais organizam seu espaço e seu tempo a mando da organização social que a cerca. A escola, portanto, não é um local ingênuo sob um sistema social qualquer. Dela, espera-se que cumpra uma determinada função.

A escola tradicional, atendendo à expectativas coerentemente, efetiva a massificação que ocorre fora dos ambientes escolares. Dentro da escola as crianças, cada vez em maior número dentro das salas de aula, assumem papel de números. Números estes que são expostos dia-a-dia nos outdoors da cidade mostrando quantos ingressaram nas universidades mais disputadas do país.

Até mesmo no momento da chamada, que verifica a frequência dos alunos nas aulas, não se pode perder tempo. É mais rápido chamar número a número e os alunos correspondentes a eles responderem ‘presente’, do que chamar nome por nome e visualizar se aquela criança está na sala de aula.

Dentro dessa escola os alunos são mais do que educandos, eles são o lucro, o número que fará a propaganda, ele representa a massificação. Quanto mais alunos melhor, assim disseminará o conteúdo, o aprendizado, a educação.

Além disso, mas relacionado a isso, os alunos são seres humanos dotados de uma mente e de um corpo. É assim que se justifica e se concretiza o excesso de fiscalização e controle sobre o corpo dos alunos. O corpo deve ser controlado para que a mente possa aprender e ser estimulada.

Essa dicotomia corpo e mente é um tema constante nos debates acadêmicos acerca da Educação Física. Medina, em seu livro “A Educação Física cuida do corpo e... ‘mente’: bases para a renovação e transformação da Educação Física” (2007) discorre sobre essa polêmica e afirma:

(...) o corpo humano, salvo raras exceções, é tratado pura e simplesmente como um objeto em nada diferente de uma máquina qualquer: um carro ou, na melhor das hipóteses, um computador mais sofisticado. Assim, eliminam-se dele todas as peculiaridades do animal racional capaz de falar, sorrir, chorar, amar, odiar, sentir dor e prazer, brigar e brincar, capaz de ter fé e transcender, com sua energia, a própria carne. (p. 41)

Se o que se pretende é embutir conhecimentos no ser humano para que ele se torne “melhor”, nada mais coerente do que entendê-lo como uma máquina que precisa ser controlada, configurada.

Admirável Chip Novo - Pitty

Pane no sistema alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso e fluído em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado
 Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:
 Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga

Não senhor, Sim senhor, Não senhor, Sim senhor

A escola surge com a intenção de cumprimento de expectativas e necessidades da sociedade. E geralmente o que acontece é o suprimento das vontades e das necessidades que as classes dominantes julgam importantes, já que estão no poder.

Hoje em dia na sociedade a escola assume, penso eu, dois importantes papéis: levar o melhor conhecimento (conhecimentos estes julgados importantes por um grupo de pessoas que exerce muito poder, vestibulares, universidades, grandes empresários) e que foi culturalmente acumulado; e o segundo papel é também provê-lo a todos (indistintamente, de acordo com a LDB). Porém, apesar de alguns pontos conflitantes já nesta pequena introdução dos objetivos da escola, sabemos que não há simplismo algum nestes objetivos, e que eles estão bem longe de serem alcançados. Não devemos desconsiderar toda a questão social, econômica e política que impede ou facilita o ingresso e permanência na escola por determinados estudantes. E termino esta pequena explanação sobre a escola tradicional com uma pergunta: Será que tais determinados estudantes, tão distintos e de classes sociais tão distintas, se satisfazem com o ensino que lhes é dado? Será que o mesmo conhecimento, provido da mesma forma (digo, da forma tradicional) é suficiente e satisfatório? Ele consegue abranger os fins da educação?

E com essas perguntas apresento aqui minha pesquisa realizada numa escola tradicional. Com a intenção de presenciar e problematizar o que pode surgir nos interstícios da escola a partir deste ensino que foi apresentado: massificador e preparatório.

A escola tradicional onde foi realizada a pesquisa foi escolhida pois apresentava muitas características parecidas com a primeira escola participante da pesquisa (escola freinetiana). É também uma escola particular e se localiza no município de Campinas-SP. Nesta instituição é oferecido ensino fundamental e ensino médio, porém, os períodos de observação e entrevistas foram aqueles nos quais apenas o Ensino Fundamental estava presente.

Durante os seis dias de observação nesta escola, pôde-se entender como os alunos se comportam no tempo do recreio e como a escola lida, proibindo e/ou permitindo certas atitudes nesta hora da rotina escolar. Além disso, por meio de entrevistas foi possível conhecer como a escola intervém no caso de ocorrência de violência no recinto da escola.

O espaço permitido às crianças no momento do intervalo é um pátio coberto, que fica entre as salas de aula, e é pequeno. Em uma das extremidades, dentro deste pátio, há uma cantina, dos próprios donos da escola onde quem trabalha é um funcionário chamado de “tio” pelos alunos e que exerce o papel de monitor, fiscalizando, mediando e orientando os alunos,

principalmente durante o período do recreio. O único ambiente a céu aberto, que as crianças têm acesso no horário do recreio é um pequeno espaço onde os mais velhos (da 3ª e 4ª série), logo quando toca o sinal, correm para garantir seus poucos lugares e tomarem seus lanches. Este local, além destas características, é o único que é localizado longe da abrangência visual dos adultos que tomam conta daquela atividade.

Em todos os recreios presenciados, pelo menos uma professora, a coordenadora pedagógica ou a diretora acompanham o recreio com as crianças, além do monitor que fica na maior parte do tempo na cantina. Eles intervêm nas relações dos alunos (brigas, conversas, brincadeiras, agressões) quando julgam necessário.

No horário do recreio não é fornecido nenhum material pela escola para os alunos. E mesmo que tragam de casa, não é permitido o uso de alguns instrumentos durante este período, como a bola por exemplo. Além disso, o acesso à quadra permanece trancado. O lanche que é consumido pelos alunos deve ser trazido de casa ou comprado na pequena cantina.

Portanto, após as observações no recreio, mesmo que poucas, pude perceber que todos estes fatores colocados acima fazem com que o recreio se torne propício para conflitos. Não entendo que os conflitos devem ser evitados, porém, falta de condições adequadas e de preparo para tais acontecimentos, fazem com que os conflitos possam se tornar ocorrências de violência e agressividade neste ambiente do recreio, principalmente quando os alunos não são educados para lidarem com os conflitos.

Primeiramente, notei que o ambiente do recreio é muito reduzido para aquele número de pessoas e que não atende às necessidades de crianças de 7 a 10 anos que são obrigadas, durante aquela mesma tarde, a ficarem dentro da sala de aula sentadas nas carteiras por aproximadamente cinco horas. Aquelas crianças não têm espaço para se movimentarem sem encontrarem (ou darem de encontro a) outros corpos;

Em segundo lugar, o fato de não haver fornecimento de nenhum tipo de material para as crianças utilizarem, além da quadra também permanecer inacessível, fazem com que os alunos não tenham muitas escolhas em relação ao que fazer. Assim como qualquer pessoa de todas as idades, não é agradável fazer a mesma coisa todos os dias e a falta do que fazer também possibilita e gera desgosto e desânimo em relação a atitudes que favoreceriam o recreio destas crianças.

Em terceiro lugar, o fato da permanência dos adultos no recinto do recreio com a intenção de intervir em toda e qualquer manifestação e atividade deles pode fazer com que haja uma certa heteronomia nas atitudes das crianças. Um exemplo fácil de entender tal acontecimento é no caso de uma criança começar a bater em outra. Ela não precisa pensar e avaliar suas atitudes, porque, assim como todos os dias, um adulto irá intervir, irá mandá-lo parar. Esse excesso de vigilância, por outro lado, causa linhas de fuga que possibilitam aos alunos usarem sua imaginação e criatividade a fim de buscar alternativas para que consigam viver daquele jeito imposto. O fato observado nesta escola foi o ‘cantinho’ dos mais velhos: onde estes, utilizando-se de seu poder (a maior idade e o maior tamanho), conseguem ‘pegar’ o local mais longe dos adultos e mais distante do ambiente que a escola impõe para todos: O melhor lugar do recreio, que possibilita muito mais atitudes e vivências de ‘liberdade’.

Em quarto lugar, há o tempo de lanche, quando se come, e o tempo de recreio, para brincar, que não são delimitados pela escola. Considero não haver problema algum nisso, se não fosse cobrado tal divisão pelos ‘adultos do recreio’ como se é feito. Não é permitido brincar sem antes ter comido e também não se pode brincar enquanto se come. Não tenho conhecimento sobre como isso foi passado aos alunos, mas não há lugares e nem tempos reservados para isso e tal controle é feito sem muita coerência: se a professora percebeu que aquele aluno em específico foi correr sem comer ela chama atenção, porém, se ninguém percebeu, ou se o aluno não é um daqueles ‘mais conhecidos’, nada acontece também.

Por último, tive a impressão durante este meu tempo de observações, entrevistas e conversas nesta escola, que este pequeno espaço que a escola permite que os alunos fiquem durante o recreio, restrito e vigiado, pode ser visto com a finalidade de vigiá-los, sem perdê-los de controle, disciplinarizando-os todo o tempo. Como descrito até agora isto é ocorrência até mesmo no horário do recreio, o qual supostamente seria o único tempo “livre” para as crianças dentro da escola. Porém, há intervenção dos adultos em praticamente todas as ações das crianças, desde em seus jogos até em brincadeiras, conversas, brigas e movimentos. Sobre esse tipo de controle, muito comum em escolas, prisões e hospitais, Foucault, em “Vigiar e Punir” (1977), afirma que o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho em que as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Seria o adestramento visando ordem e obediência. É aplicado, segundo Foucault (1977), uma política do

corpo, na qual o foco central é o dispositivo de controle e, por meio deste, uma disciplinarização dos corpos. A partir dessa perspectiva, entendo que este controle não consegue ser uma educação, já que em momento algum mostra-se os motivos para as ocorrências e nem onde se quer chegar a partir delas. O que ocorre o tempo todo é um controle, um adestramento e as punições.

Apesar disso, desta tentativa de controle e adestramento, há casos que fogem do padrão esperado pela escola. Atos de agressão, por exemplo, são muito presentes durante estes recreios. Estes casos talvez se encaixem naquelas atitudes de fuga que descrevi acima como um meio de conseguir fazer algo que eles queiram e/ou precisam, ou apenas como um modo de perturbar a ordem imposta.

A tabela abaixo mostra os atos agressivos presenciados no recreio escolar durante os 6 dias de observação.

TABELA 3
quantidade de atos agressivos Escola Tradicional

Atos Agressivos	Quantidade
provocação	11
chute	9
empurrão (derrubar)	7
imobilizar	5
ameaçar	3
bater	2
incentivar	1
Total	38

Como evidenciado na tabela, fica claro que realmente existem situações em que os alunos conseguem perturbar a ordem tão imposta pela escola. Aqui, tive a intenção de pesquisar e observar apenas os atos agressivos que apareciam, porém, acredito que várias outras atitudes podem demonstrar essa relação dos alunos com a escola e com a ordem imposta.

O ato mais comum e presenciado durante as observações foi o verbal, com as provocações. Isso possivelmente ocorre porque talvez seja o modo mais discreto de se manifestar negativamente sem que algum adulto ali presente perceba, já que a fiscalização é tão extrema. Existe ainda a hipótese de que talvez esse seja o tipo de ato mais presenciado pelos alunos no ambiente em que vivem e nos meios de comunicação que tem acesso, e deste modo habitua-se a tais atitudes, normalizando-as, banalizando-as, repetindo-as.

Os adultos que observam tais atos violentos podem não considerar algumas formas de provocação como agressão por acharem que “é coisa de criança” (frase tão ouvida no universo escolar).

Além disso, na pesquisa também pôde-se constatar que atos agressivos como este são os que menos geram algum tipo de revide (ver tabela 2, abaixo). E, mais uma vez, considerando o fato deste tipo de violência ser corriqueiro, naturalizado no ambiente escolar, e assim não cause tanto estranhamento ou possibilidade de revide. Porém, não nego a possibilidade da ausência de conflito por conta do excesso de controle que os adultos exercem sobre os alunos.

Em seguida, considerando os atos mais frequentes, há o chute. Neste ítem deve-se considerar uma dificuldade muito grande que encontrei quando fui a campo. Na escola há uma brincadeira muito comum entre os alunos: os meninos, principalmente, praticam uma dança na qual faz-se movimentos rápidos e difíceis com os pés. Por conta da dificuldade em se realizar aqueles movimentos e da velocidade que eles assumem, a intenção é conseguir fazer movimentos mais difíceis e atrapalhar os que conseguem fazê-los. O modo de atrapalhar a dança dos colegas é com chutes nas pernas e pés dos alunos enquanto fazem tal “dança”, denominada por eles como *psy*, *rebolation* ou *hardstyle*. Como a ocorrência desses chutes em forma de brincadeira, mas que também machucam e causam raiva e revides, é muito alta e difícil de ser contabilizada e observada (pois ocorre em vários locais e ao mesmo tempo), nas observações não foram considerados os chutes ligados à essa “brincadeira”/dança, ainda assim, é bem evidente que a quantidade de chutes ocorridos entre eles é muito alta e talvez incentivada por essa brincadeira.

Durante a pesquisa outros atos foram considerados e observados, como empurrões e “derrubões”, imobilizações, ameaças, socos e incentivos, evidenciados na tabela acima. Em número absoluto houve 38 atos de agressão ao todo, entre estes estão os atos isolados e os de revide. Considero este número alto, principalmente considerando que houve apenas 6 dias de observação de 20 minutos cada (tempo do recreio). A maioria dos atos agressivos presenciados na escola, de acordo com a classificação de Shaffer (2005) seria de agressividade instrumental, pois deseja-se algo que não o dano do colega no qual se agride. Geralmente deseja-se atenção de um grupo, começar uma brincadeira, pegar o lanche do colega, entre outras situações de aproximação. Ainda utilizando Shaffer (2005), a maioria das atitudes agressivas são retaliadoras e não relacionais. Entende-se por uma agressividade retaliadora aquela que é eliciada por provocações reais ou imaginárias e por relacional aquela que exclui, que aceita o afastamento ou

divulgação de rumores com o objetivo de lesar a auto-estima, amizades ou status social do adversário.

Foi observado que os atos agressivos eram seguidos de revide ou de atitudes de fuga de conflito, como recorrer a um adulto ou correr. Mais uma vez gostaria de deixar explícito a minha visão sobre tais ocorrências de fuga à um ato agressivo: acredito que um aluno foge da situação de violência quando percebe que não conseguirá ter outra saída menos dolorosa (irá apanhar mais ou não conseguirá revidar ou, ainda, será coagido e humilhado com outras tentativas de conversas ou negociações) ou quando ele teme a repressão e a possível injustiça dos adultos que “cuidam” deles e daquele espaço (no caso do revide ser presenciado mas a ação primária não), há ainda casos de crianças que não acham certo a atitude de briga, mas também talvez não tenham encontrado outra forma de lidar com tais situações.

Os revides presenciados são mostrados na tabela abaixo são:

TABELA 4
Revide por atos agressivos Escola Tradicional

Atos Agressivos	Quantidade	Revide com:
provocação	10	
chute	7	chute (1) imobilizar (1) ameaça (1)
empurrão (derrubar)	6	empurrão (1) chute (1)
imobilizar	4	provocar (1)
ameaça	2	
bater	2	
incentivar	1	
Total	32	6

Os atos agressivos que causaram revide foram: chutes, empurrões (derrubar) e imobilizações. As atitudes (revides) que seguiram tais atos foram: chutes, imobilizações, ameaças, empurrões, provocações. Em números absolutos, tivemos 6 revides para 32 atos, o que aparentemente pode ser considerado um número muito pequeno, porém todos estes ocorreram em apenas 6 dias de observação, mas também há outros motivos já explicitados acima: excesso de controle, banalização e naturalização da violência, medo de colegas, medo dos professores, entre outros.

O ato que mais causou revide foi o chute, mas isso foi explicado anteriormente quando apresentei a “brincadeira” feita pelos alunos todos os dias.

Sobre as relações que foram presenciadas entre os alunos durante o período do recreio, percebe-se uma dificuldade em conseguir aproximação entre eles, seja para brincar, conversar ou tomar lanche. Tal fato faz com que as crianças utilizem-se dos atos agressivos para chamar atenção e conseguir alguma aproximação desejada (para brincar, pegar lanche, conversar etc). Logo, num ambiente onde as relações não são estimuladas e os conflitos trabalhados, um grande número de incidência dos atos agressivos ocorre para que as relações se estabeleçam, por não saberem como lidar com o pouco espaço e a dificuldade de movimentar-se de maneira mais ampla, e ainda, pela dificuldade em reconhecer o outro, o corpo do outro e as relações que se estabelecem entre as pessoas. Além disso, a dificuldade em lidar com os conflitos e resolver situações através da conversa pode ser percebida nas observações: percebe-se que muitas vezes os atos agressivos são utilizados como soluções para os pequenos problemas entre os alunos.

Devo levar em conta, também, o pequeno espaço que os alunos tem para permanecerem durante o recreio, não sendo possível brincar a vontade, correr, se movimentar. A falta de espaço vem acompanhada da falta de material, quadra, parque. E a presença de professores e/ou diretora no ambiente do recreio, intervindo constantemente em pequenos conflitos que poderiam ser resolvidos entre os alunos (como regras de jogos, conversas), também faz com que não se estimule a resolução dos problemas por eles mesmos.

Sabendo da importância pedagógica que a presença dos conflitos pode proporcionar, por serem considerados como uma das manifestações das relações humanas, se faz importante também o modo com que os profissionais lidam com eles.

Tive a oportunidade de presenciar um fato que muito me fez refletir sobre essas intervenções dos adultos e sobre um momento (do recreio) que seja próprio dos alunos. Por organização das próprias crianças, após comerem seus lanches, fizeram uma brincadeira de pega-ajuda. No espaço de um pátio coberto, um aluno começava sendo a pessoa que pegava e todos os outros corriam de um lado para o outro fugindo deste primeiro. Quando este que pegava encostava em alguém, esta pessoa passava a ser o ajudante dele, tendo a intenção, agora, de também tentar pegar as outras crianças que fugiam, correndo de um lado para o outro. Como de costume, durante aquele período do recreio e naquele espaço do pátio coberto, algumas professoras acompanhavam o movimentar-se dos alunos. Foi quando, em meio à dinâmica

própria das crianças em praticar seu jogo, uma delas foi pega, mas conseguiu fingir que não havia sido (percebia nessa criança uma extrema timidez). E a brincadeira, naqueles moldes e regras que as próprias crianças haviam organizado, acontecia, de forma divertida e contínua. Porém, foi aí que veio a intervenção de uma professora que observava e acabou por “dedurar” a atitude do colega “fingido” o expondo perante todos que ali brincavam.

Quando vi aquilo, o primeiro pensamento que me veio na cabeça foi de que aquilo não deveria ter acontecido. Porém, percebi que pelo comportamento dela, não havia dúvidas de que aquela era a melhor atitude a ser feita, afinal de contas, o garoto estava errado. E nesse momento percebi como essas tensões são ínfimas e essenciais. Como a reflexão é pouca e como a intervenção não pode ser imediata e impulsiva. Se pudesse voltar no tempo, ali, daria pelo menos 2 minutos àquela professora, para que pensasse: na exposição daquele aluno perante a escola inteira, na intervenção em uma brincadeira que mostrava uma dinâmica tão própria e tão inocente, e que teria pouquíssimos minutos de duração, entre outros questionamentos (será que agora as crianças brincariam sem se importar se alguém está “trapaceando”?).

Por conta da intervenção dos adultos e do modo com que a escola lida com tais questões, é que foi realizada a entrevista com a coordenadora pedagógica, a fim de esclarecer, a partir da linha pedagógica proposta pela escola, qual o modo de intervenção ideal que aquela escola propõe, e como na prática tais atitudes ocorrem.

Em entrevista, a coordenadora pedagógica caracterizou a escola como tradicional e disse ser um ambiente alegre e feliz. Porém, ela afirma não existir muitos casos de agressividade na escola, mas que quando casos deste tipo ocorrem, a escola, segundo ela, chama os alunos envolvidos, ouve ambos os lados e entra num consenso juntamente com eles.

A fala da coordenadora parece ser um pouco distante do observado, já que existem tantos casos de agressão na escola, porém, sua distância em relação aos alunos e seu cotidiano, uma possível naturalização das atitudes agressivas, fazendo com que os atos observados não sejam considerados como atos agressivos, fazendo com que até mesmo os adultos considerem ‘brincadeira’, ou ainda um certo receio de me relatar tais atitudes, faz com que ela tenha tal fala. Ela também considerou as famílias dos educandos como forte influência para a não ocorrência de violência na escola.

Sobre os valores e objetivos da proposta pedagógica ela diz ser cumprir o conteúdo programático, interagindo com o aluno, para que este estimule o raciocínio, a

memorização, o entendimento do conteúdo e a criatividade. A partir disto, fica claro que a escola não tem o objetivo de estimular as relações e a autonomia e que o foco central é o conteúdo programático e não o aluno.

A fim de entender como os alunos se comportam, também dentro das salas de aula e entre si, foram realizadas as entrevistas com 3 professoras e 3 alunos. Entre as professoras entrevistadas, uma delas foi a de educação física.

Segundo esta professora não ocorrem casos de agressividade considerados muito sérios por ela durante a aula. De acordo com ela o que ocorre é mais uma “mudança de humor das crianças”. Porém, não ficou muito claro como ocorrem estas mudanças, o que ficou entendido é que ela considera normal, e sem motivo aparente (talvez não seja interessante buscar os motivos) essas mudanças de humor. Em relação aos atos agressivos de alunos contra os professores, ela diz não acontecer. Sobre a intervenção, mais uma vez, assim como a coordenadora, ela prefere chamar os envolvidos a parte e ouvir todos os lados para que ela possa resolver tal situação. *“a gente tem que lembrar que são crianças. Ouvir as partes. Ouvir um lado, ouvir o outro lado, e manter aquela paz, harmonia. Eles são colegas há muito tempo. E volta tudo ao normal”* (trecho de entrevista com professora de Educação Física da Escola Tradicional).

As outras professoras disseram haver atos agressivos entre os alunos e diferentemente das outras duas entrevistadas, o método que elas consideram mais efetivo para a solução desses problemas é o castigo, perder aquilo que eles mais gostam. *“Perder aquilo que ele mais gosta, senão, não adianta”* (trecho de entrevista com uma professora da Escola Tradicional). O castigo de perder o recreio foi uma das soluções propostas por uma professora, que diz ser frequente na escola. *“Ficar sem lanche. Fica sem lanche no outro dia. Ele vai pensar no que ele fez.”* (trecho de entrevista com uma professora da Escola Tradicional). Neste momento fica evidente a opinião dos professores e da escola como um todo em relação ao recreio dos alunos. Aí se percebe a não importância ao momento de descontração, de brincadeira, de criatividade, de relacionamento e apropriação dos alunos que acontece no recreio.

A atitude de chamar os alunos envolvidos, ouvir todas as partes e resolver ‘conjuntamente’, explicitada em todas as entrevistas de professoras e da coordenadora mostra uma dificuldade em deixar as crianças resolverem seus próprios conflitos. Embora tenha sido relatado que os conflitos são tratados coletivamente, o que foi observado durante esse tempo de

campo da escola, sugere que possa haver algumas imposições das vontades dos adultos, sendo pouco freqüente a atitude de decisão e de resolução inteiramente por parte do aluno. A resolução dos conflitos está relacionada com o nível de autonomia, e de acordo com pesquisas a escola interfere nesse nível, com o modo com que lida com as crianças, visando autonomia ou heteronomia. Os professores não reconhecem a importância pedagógica do conflito interpessoal e acabam resolvendo-os no lugar das (para as) crianças. “Uma das dificuldades que esses profissionais em educação encontram e que gera muita insegurança, reside justamente em como lidar com os conflitos que ocorrem no cotidiano da vida escolar.” (VINHA, 2008, p.12) Ainda para Vinha, em uma visão tradicional, os conflitos são vistos como sendo negativos e danosos ao bom andamento das relações entre os alunos. Aqui fica evidente as duas possíveis consequências dessa afirmação, que foi exatamente o que se constatou durante a pesquisa. A primeira atitude da escola/professores seria evitar esses conflitos, por meio da “segurança” de vigiá-los durante o tempo que tais conflitos poderiam ocorrer, como o recreio. A segunda atitude da escola seria, após estes ocorrerem, resolvê-los o mais rápido possível, mostrando-lhes “como se faz”, fazendo com que as crianças desenvolvam a obediência e não a autonomia, e fiquem dependentes sempre de alguém para a resolução dos conflitos sejam eles na escola ou na vida.

A concepção que os professores possuem dos conflitos interpessoais fará a diferença no modo de intervir, de lidar com eles. Pode-se perceber nitidamente quais são as concepções que os educadores têm sobre os conflitos pelo processo utilizado para evitar que estes ocorram, e também pela forma como são resolvidos por essas instituições. (VINHA, 2008, p.11)

No caso particular desta escola, pude perceber, a partir das observações e das entrevistas, que os educadores tem uma concepção acerca do conflito como um fator negativo no universo e cotidiano escolar. Há dificuldade em entender que os conflitos são tão importantes quanto o currículo escolar, já que leva aos alunos a possibilidade de evoluir, de tentar, de pensar em como lidar com seus próprios problemas e a resolvê-los sozinho. Pedro Saéz que acredita na “didática do conflito” diz: “Mais do que educar para a paz, é preciso educar para o conflito.” (SAÉZ apud VINHA, 2008, p.35) Ainda, Guimarães (1996), sobre isso afirma que é preciso deixar de acreditar que a paz é a ausência de conflito.

As entrevistas com os alunos não demonstraram muita distinção ao que foi apresentado em relação à intervenção dos professores e da escola. Eles disseram ainda concordar

com esse tipo de atitude da instituição: de controle, de autoridade, de resolução dos conflitos de acordo com as razões da escola somente. *“Isso é certo pra ele não repetir essa coisa”* (trecho de entrevista com aluno da Escola Tradicional) quando perguntado se concorda com a atitude da escola de levar os alunos envolvidos em uma briga para a diretoria e deixar fazendo lição. *“Vão para a diretoria. Depois a tia conversa e fazem amizade.”* (trecho de entrevista com aluno da Escola Tradicional) sobre o modo da escola intervir quando alguma agressividade é presenciada, e que revela o quanto a escola intervém.

Isso mostra a possibilidade de se ‘moldar’ os alunos, de os adaptarem a um sistema imposto, além de que, os alunos que ali estão são muito novos e possivelmente nunca tiveram outra experiência de fazer parte de um local, com regras mais democráticas e menor controle.

Sobre a ocorrência de atos agressivos, todos disseram existir, citando casos de brigas, de um pegar o lanche do outro e de agressões verbais dentro da sala quando, por exemplo, alguém não consegue fazer a lição. *“Por exemplo: a gente faz uma lição errada, aí eles já vão lá bater na gente. Dizem: Ah, fez tudo errado! Viu? Não sabe de nada!”* (trecho de entrevista com aluno da Escola Tradicional).

O interessante é que apesar de relatarem muitos casos de violência na escola e dizerem haver agressividade frequentemente tanto entre alunos quanto com professores, quando questionados diretamente com a pergunta: Você considera que há muitos casos de agressão na escola?, eles respondem negativamente. Aí percebemos como a violência permeia o universo escolar e raramente é observada e/ou refletida pelos atores que compõe este ambiente.

5 Considerações sobre a pesquisa

A pesquisa acima descrita teve a intenção de estudar e refletir sobre as violências e as agressividades dentro de duas escolas com linhas pedagógicas distintas. Em ambas as escolas, tradicional e freinetiana, houve, durante a pesquisa, constatação destas manifestações, o que mostra como as violências estão presentes no universo escolar e de formas diversificadas, origens diferentes e ocorrências repetitivas ou não, além de outros aspectos. O que faz com que seja possível notar como a pesquisa com esta temática se faz de forma inesperada quanto a seus resultados. Além disso, mostra o grau de dificuldade mas ao mesmo tempo de riqueza que uma pesquisa desta adquire, com todas suas dificuldades e detalhes.

A primeira consideração que faço é em relação à presença das violências e da agressividade no cotidiano das escolas. Considerando o ambiente escolar aquele que será palco de violências, agressividades e conflitos, o trabalho que surge como suficiente para a escola é aquele em relação às atitudes frente a estas situações. Dependendo da forma que a escola reage e direciona suas decisões, a resolução desses problemas terá sentidos diferentes e finalidades distintas, que muitas vezes mostram o direcionamento pedagógico daquela escola, guiando também o modo de relações estabelecidas com os alunos e entre eles. Dessa forma, se faz essencial a reflexão (que tanto enfatizei durante todo este texto e que não abro mão) que venha contribuir para, pelo menos, o questionamento das atitudes tomadas. É importante que nos questionemos a todo momento, se este ou aquele é realmente o melhor dos modos para se agir.⁷

A partir da análise das observações e das entrevistas de ambas as escolas, nota-se que o ambiente escolar influencia na maneira com que os alunos se relacionam e resolvem seus conflitos. Nem sempre a escola atua em direção a um melhor preparo de seus alunos no âmbito do que consideramos um indivíduo completo, com valores morais e atitudes visando à autonomia e não somente os conteúdos programáticos. Como afirma Menin (1996, p.61, apud Vinha, 2008, p.35) “quer queiram ou não, todas as escolas atuam na formação moral de seus alunos; no entanto, nem todas o fazem na direção da autonomia”. Tal afirmação pode ser salientada por Vinha, que acredita que o ambiente escolar influencia na formação das crianças

⁷ Digo isso pois me questioneei em cada linha desse trabalho, buscando coerência em cada atitude e em cada fala.

enquanto sujeitos individuais e em grupo, podendo favorecer ou inibir este desenvolvimento. É necessário que a escola ensine seus alunos a lidarem com seus sentimentos e emoções, isso faz com que eles aprendam a resolver seus conflitos intra e interpessoais e não se manifestem agressivamente em relação a estes.

O ato educativo não se conclui como processo apenas de fora para dentro. (...) Tal processo, incompleto para a educação do homem, só tem sentido como forma de adestramento ou treinamento, sem conteúdo genuinamente educativo. (MEDINA, p.47 e 48)

Por esses motivos que esta pesquisa se efetivou de forma tão rica e diversificada. Em cada escola foi possível, durante as observações e as entrevistas, entender um pouco de como as decisões eram tomadas, do que acreditavam e almejavam, de como lidavam com diversas questões etc. O mais interessante foi que com o processo de toda pesquisa foi possível perceber as diferenças entre as escolas. Pequenas evidências eram suficientes para relatar como era a relação entre os alunos, ou ainda, como aqueles alunos eram capazes de se expressarem.

A escola, na sociedade e na vida de cada criança, cumpre papéis distintos do que apenas ditar os conteúdos a serem assimilados. Ela tem um papel social que vai além dos cadernos e apostilas. A escola é parte da educação das crianças, é onde passarão grande parte de sua infância e de sua vida: dela jamais se esquecerão, serão poucos os momentos que fugirão da memória e das emoções. Mas as escolas muitas vezes se esquecem disso e se orientam baseando-se apenas no imediato, que lhes garantirão mais sucesso, mais retorno financeiro, ou que lhes adaptem mais facilmente ao mercado de trabalho ou aos modismos do momento. O problema é que isso pode causar sentidos e significados diferentes para adultos e crianças. As crianças, pela falta de experiência, assimilam o que aprendem com muita facilidade e comprometimento. Já os adultos, por sua experiência maior, são capazes de duvidar e questionar. Por isso é tão perigoso colocar crianças a se acostumarem com certos padrões educacionais limitados e pouco complexos⁸. Por isso devemos (dito mais uma vez) nos utilizar de nossa possibilidade de questionamento e reflexão.

⁸ Digo da complexidade entendendo a importância de se considerar complexo o ensino, a educação. Acho necessária essa visão da educação como complexa, para que se leve em conta os vários fatores que a envolvem e não considerá-la como simples prestação de serviço.

Concluindo, entendi, a partir desta pesquisa, que se deve dar uma atenção especial em relação a estes temas e que tal atitude é tarefa primordial no ensino hoje em dia. Devemos, como educadores e educadoras, refletir constantemente sobre a nossa prática docente, ela garantirá que reproduziremos menos da violência institucional (e outras) dentro da escola e ainda possibilitará caminhos para resolução de conflitos entre os alunos e para com eles. Não será uma tarefa fácil. Mas será uma tarefa útil e sensível. Estaremos buscando caminhos, mesmo que nem sempre certos, mas nunca soltos, sem razão. Atrelando sempre as convicções e ideologias com o trabalho é que se encaminhará nossa prática e firmará o ser professor.

Para finalizar, apesar das crises e dos desesperos que tal pesquisa, e outros estudos, me causaram, concluo esta monografia e este caminho de graduanda com a certeza de que muito aprendi e vivenciei. Experiências como apresentar em congressos, ter contato com professores com realidades distintas, ir a campo em escolas das mais diversas, participar de um grupo de pesquisa, ser monitora de uma disciplina, entre outras, me fizeram crescer e entender qual é o meu caminho. Concluo aqui uma etapa de uma primeira lajota que formará a estrada de meu caminho, trilhado em uma eterna construção, carregando o brilho de muitas tempestades e de apaixonantes luas.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia e Sociedade**. São Carlos, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

As invariantes Pedagógicas. Disponível em <http://www.freinet.org.br/pedagogia.htm>, acesso em 13 de setembro de 2010.

BALLONE GJ, MOURA EC - **Maldade da Infância e Adolescência**: Bullying - in. PsiqWeb, Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, revisto em 2008.

BETTI, M. **Entre assistir e praticar**: educação física, esporte, televisão e lazer.

CABRAL, S.. **Da educação física tradicional à educação corporal na pedagogia Freinet**. 1993. 24 f. Tcc (Especialização em Educação Motora Na Escola) - Departamento de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

CAMBI, F.. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CAMPOS, Z. M.. **História da Educação**. [S.l.]: [S.n.], [19--]

ELIAS, M. D. C.. **Célestin Freinet**: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FELIPE, D. A.; FRANÇA, F. F.; PEREIRA, L. A. Origem da escola pública brasileira: a formação do novo homem. **Jornada do HISTEDBR, 7. Anais...** Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT3%20PDF/ORIGEM%20DA%20ESCOLA%20P%20DABLICA%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 04 de 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. **Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v. 22, n. 2, p.200-207, 2008.

FREINET, C.. **A Educação Do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREINET, C.. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREINET, C.. **Para Uma Escola Do Povo: Guia Prático Para a Organização Material, Técnica e Pedagógica Da Escola Popular**. Porto: Editorial Presença, 1973.

FREINET, E.. **Nascimento de Uma Pedagogia Popular**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FREITAS, L. C.. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

GUIMARÃES, A. M. (Org.) *Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola*. In: AQUINO, J. G., *Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas*. P. 73-82. São Paulo: Summus, 1996.

LOPES NETO, A. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. *J. Pediatria*. Rio de Janeiro, v.81, n.5, p. 164-172, 2005.

MARCELLINO, N. C. **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
O Corpo. Rio de Janeiro, Record, 1984, p.85-87.

MARTINS, M. J. D.. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados**. *Revista Portuguesa de Educação*. Minho, v.18, n.1, p. 93-115, 2005.

MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1988.

MATOS, O. C. F. **T. W. Adorno**: notas bibliográficas. Revista Educação: Adorno pensa a educação. p.6-15. [19--]

MEDINA, J. P. S.. A Educação Física cuida do corpo e... 'mente': bases para a renovação e transformação da Educação Física. Campinas: Papirus, 2007.

MOURA, A.S. Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932): um percurso necessário. **Encontro Estadual de História, 13. Anais eletrônicos**. Associação Nacional de História (ANPUHPB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2009. Disponível em: <http://www.anpuhp.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2006%20-%20Assis%20Souza%20de%20Moura%20TC.PDF>. Acesso em 14 de setembro de 2010.

Observatório da infância, Lauro Monteiro, atualizado em 2006, disponível em http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=19, acesso em 17 de junho de 2010.

SHAFFER, D. R. Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

VINHA, T. Os conflitos interpessoais na escola: contribuições da psicologia. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

Referências dos filmes utilizados

UM GRANDE Garoto. Direção de Chris Weitz e Paul Weitz. Estados Unidos: Universal Pictures, 2002. 1 DVD (101 min), son., color.

ELEFANTE. Direção de Gus Van Sant. Estados Unidos: HBO Films, 2003. 1 DVD (81 min), son., color.

BULLYING. Produção de Els Quatre Gats Audiovisuals S.L.. Barcelona: Plot Films S.L., 2009. 1 DVD (95 min), son., color.

A PESTE da Janice. Direção de Rafael Figueiredo. Porto Alegre: Casanova Filmes, 2007. 1 Curta-metragem (15 min), son., color.

Referências das músicas utilizadas

BELOTTO, T. Polícia. Intérprete: Titãs. In: Cabeça Dinossauro. [S.l.]: WEA, 1986. 1 Vinil. Faixa 4.

CALCANHOTTO, A. Esquadros. Intérprete: Adriana Calcanhotto. In: Público. Rio de Janeiro: BMG, 1991. 1 CD. Faixa 10.

GAVIN, C. Estado Violência. Intérprete: Titãs. In: Cabeça Dinossauro. [S.l.]: WEA, 1986. 1 Vinil. Faixa 5.

NATIRUTS. Deixa o menino jogar. Intérprete: Natiruts. In: Nativus. [S.l.]: EMI, 1997. 1 CD. Faixa 4.

PITTY. Admirável chip novo. Intérprete: Pitty. In: Admirável chip novo. [S.l.]: Deckdisc, 2003. 1 CD. Faixa 2.

RUSSO, R. Geração Coca-cola. Intérprete: Legião Urbana. In: Legião Urbana. [S.l.]: EMI Music, 1985. 1 Vinil. Faixa 6.

RUSSO, R. Química. Intérprete: Legião Urbana. In: Que País é este. [S.l.]: EMI Music, 1987. 1 Vinil. Faixa 5.

ANEXOS

ANEXO A: Roteiro entrevista Coordenadora Pedagógica.

- Qual a linha pedagógica que a escola segue?
- A escola cumpre integralmente essa pedagogia?
- Essa linha pedagógica é pautada em quê? Quais valores? Quais objetivos?
- Há muitos casos de agressão na escola?
- Qual o provável motivo para isso?
- Como a escola deve proceder, de acordo com a pedagogia, quando ocorrem atos agressivos? Isso ocorre?

ANEXO B: Roteiro entrevista Professores.

- Qual é a característica principal da escola como um todo?
- Como você descreve a sua relação com seus alunos?
- Você percebe atos agressivos entre os alunos? E com os professores?
- O que você faz (qual sua reação) quando acontecem esses atos entre os alunos?

E quando os atos são contra você?

- Qual a intervenção, contra a agressão, que você acha mais efetiva, quando colocada em prática, com os alunos?

ANEXO C: Roteiro entrevista alunos.

- Como é a sua relação com seus colegas de turma? (O que você acha deles?)

- Como é a sua relação com os colegas das outras turmas? (O que você acha deles?)

- Como é a sua relação com os professores? (O que você acha de seus professores?)

- Você percebe agressividade entre os colegas da sua turma? E entre os de outras turmas? Quais são elas?

- Você acha que tem muita agressividade na sua escola?

- Como você age quando ocorre agressividade na escola?

- O que é feito na escola quando acontecem atos agressivos?

- O que você acha da forma que a escola age com os envolvidos?

APÊNDICES

APÊNDICE A – Possibilidades (Relato de experiência)

Escrevo este adendo pela necessidade de garantir que a Educação Física não pare nunca de ser discutida. E ainda, acreditando em seu espaço pedagógico que garanta uma educação com conceitos, conteúdos, valores e intenções. E que vise à democracia, ao ouvir, ao se manifestar, ao lutar, ao se exceder, ao respeitar.

Quando falamos de possibilidades nos remetemos ao amor e à luta. Amor de desejo, vontade, mudança, esperança. Luta de desejo, mudança, esperança. O amor e a luta que me fazem escrever aqui sobre as possíveis das possibilidades sonhadas são os mesmos que nos movem até a escola para fazer do chão da sala de aula ou da quadra um palco de atitudes intencionadas. O pensamento pedagógico se faz do chão⁹, na realidade do vivido, que nunca é suficiente para a transformação almejada, mas impulsiona o desejo do trabalho: que traz a mudança, a emancipação, a transformação.

Neste texto, além de tentar finalizar esta monografia, sabendo que os assuntos e as temáticas escolares nunca serão encerrados, pretendo trazer possibilidades da Educação Física escolar que visem também às relações sociais entre os alunos, e com os professores, evitando assim a violência e a agressividade no ambiente escolar. Aqui, não irei falar de todas as possibilidades que a Educação Física apresenta tentando minimizar ou trabalhar o tema, porém, trago aqui uma experiência muito marcante com a Educação Física escolar acontecida em um estágio supervisionado, o qual tentei relacionar com o observado nas escolas da pesquisa, com o Professor Thiago Sales Claro, e que me fez pensar e aprender sobre diversas das práticas cotidianas que esta disciplina apresenta e estabelece.

Acredito que há uma dificuldade hoje em dia manifestada pela dicotomia conteúdo-aula. Essa sociedade, nos tempos atuais, tende a acentuar tal tensão ao priorizar, cada dia mais, os conteúdos. O sucesso do vestibular, assim como o saresp, está aí para salientar isso. É necessário que os professores se preocupem tanto com o conteúdo, pois os resultados finais (das provas, dos vestibulares, das avaliações de final de ano) irão importar muito para aqueles

⁹ Digo isso e escrevo agora sentada no chão de um salão onde acontecem as aulas de Educação Física ao Ensino Infantil, onde sou professora.

alunos, seus pais e para a própria escola – que só é divulgada e enriquecida se esses resultados forem satisfatórios.

Faço aqui uma crítica a esse sistema, não somente dentro da escola, mas em tantos outros lugares. Tenho a impressão que fazemos dos nossos alunos o que queremos e o que a sociedade espera que seja feito, muitas vezes. As crianças deixaram de ser mini-adultos (como era no século XVI e XVII), para se tornarem plantas que regamos e fazemos crescer, direcionando a luz e regulando a água, para onde bem entendemos. Esquecemos que também são seres humanos que sentem, que se emocionam, que tem direitos sociais, e que estão na escola para aprender e entender muitas outras coisas da vida, que vão além dos conteúdos que são priorizados hoje em dia e que tem origem duvidosa devido ao seu alto grau de manipulação. É a partir daí que vemos, o que vi nesta pesquisa, como as crianças são condicionadas a se comportarem na escola. Estas “técnicas” de manipulação fazem com que as crianças não saibam como solucionar seus problemas, as fórmulas vem prontas. E assim a relação entre os alunos fica cada vez mais distante de uma aprendizagem já que os adultos que dizem como deve ser.

Jorge Larrosa Bondia, em uma palestra no Fórum Permanente ocorrido na Unicamp no dia 17 de junho de 2009, sobre Gênero e Sexualidade na escola falou sobre as possibilidades pedagógicas e começou discorrendo sobre a experiência. Primeiramente devemos desconstruir a experiência que vivemos para que depois possamos ser seres que experimentam.

Desconstruamos o que nos foi embutido, para que a partir dessa desconstrução possamos reconstruir e (re)significar a cada momento uma nova visão e assim garantir uma próxima ação.

Apesar de essas falas serem abrangentes para todo um sistema de ensino, o qual se faz necessário na educação como um todo, enxergo a Educação Física claramente em cada uma dessas frases.

A Educação Física carrega âncoras em cada aula: a fase higienista até a década de 30, a militarização a partir de 30, os movimentos ginásticos nesta mesma época, o movimento esportivo a partir de 40, e assim por diante. Carrega ainda os históricos de cada professor que carrega para suas aulas na escola seus troféus quando atleta, suas aulas de Educação Física quando aluno, entre outras crenças, estereótipos e imagens.

Por todas essas mudanças na concepção e no estudo da Educação Física, é necessário que tentemos desconstruir nossas vivências, experiências e estudos para que possamos nos abrir para os debates, as leituras, as visões de mundo, as necessidades de nossa população.

Hoje em dia o mais comum nas escolas, nas aulas de Educação Física é o famoso “rola bola”, ou ainda as “aulas de modalidades”. No primeiro caso trata-se de um descaso pedagógico ou uma falta de entendimento da Educação Física; já no segundo, uma hegemonia dos esportes que é o conteúdo da Educação Física mais contemplado hoje em dia nos meios midiáticos. Mais uma vez proponho uma desconstrução dessas aulas.

O esporte, fruto da modernidade, criação do homem e afirmação do capitalismo, hoje em dia é tratado de forma a expandir cada vez mais seus horizontes para o consumo, a mercantilização, o rendimento a qualquer custo, a desumanização e a busca por cada vez mais lucro. Não que ele não deva ser tratado na escola. Não tenho dúvida de que o esporte deve ser muito bem trabalhado na escola, mas de uma forma que busque a criticidade dos educandos para que não virem meros reprodutores do esporte valorizado hoje em dia, aquele que machuca; que ‘salva’ um (dentre muitos da favela, do tráfico, das drogas, do crime); que vende pessoas e cada vez mais camisas e utensílios com a ‘marca’ futebol; entre tantas outras características de sua existência na sociedade capitalista hoje em dia. Trabalhando o esporte na escola, os alunos poderão ser os criadores de seu esporte ao invés de serem reprodutores e consumidores. Uma prática livre de imposições, um jogo possível, é o que espero para os alunos nas aulas de Educação Física.

Porém, a Educação Física deve se atentar a outros conteúdos, que não somente o futebol: a ginástica, a dança, o jogo, a luta são fundamentais já que representam parte da cultura do homem expressada através do movimento.

A partir dessa perspectiva, trago aqui algumas reflexões sobre aulas de Educação Física na escola que visem não somente os conteúdos da Educação Física, mas também as relações sociais que na escola se estabelecem. Muito do que aqui será relatado faz parte das minhas observações e experiências com o estágio supervisionado, como já dito anteriormente. Durante este relato, algumas questões pertinentes à Educação Física – temas polêmicos – aparecerão, e tentarei aqui discorrer um mínimo suficiente para que o leitor entenda a minha posição como professora da área.

No começo do estágio pude presenciar uma aula em que alunos de 3º ano do Ensino Fundamental treinavam chutes. Havia filas de aproximadamente 4 pessoas em cada uma e o objetivo era chutar a bola, um de cada vez, para que esta encostasse num determinado lugar da parede. Aquilo, embora parecesse bem tecnicista, tinha uma outra intenção. A experiência do professor o possibilitou perceber que não era suficiente proporcionar uma aula de jogos e/ou esportes (como exemplo o futebol) na qual todos jogassem juntos (meninos, meninas, deficientes), porque algumas pessoas que não dominavam o mínimo de técnica necessário para que o jogo acontecesse eram excluídas dele. Por isso, a solução encontrada foi ensinar um pouco de técnica, do chute por exemplo.

Nesse momento a técnica de um movimento se fazia presente nas aulas de Educação Física da escola, tema tão polêmico. Nas aulas que pude presenciar, essa técnica era trabalhada por meio da experimentação: os alunos não deveriam aprender um chute ‘correto’ baseado em técnicas do esporte de rendimento, ao contrário, eles deveriam tentar chutar e fazê-lo diversas vezes, até que a relação com o objeto fosse modificada e assim adquirisse espontaneidade e facilidade com a bola durante o jogo.

Na Educação Física, principalmente em debates acadêmicos, podemos presenciar essa polêmica da técnica inserida nas aulas de Educação Física escolar. Acredito que antes de refletirmos acerca da técnica pura e simplesmente na escola, deveríamos delimitar qual é o jogo, o esporte, a luta, a dança, a ginástica, e outras práticas corporais que pretendemos trabalhar na escola. Somente após isso é possível pensarmos em algum tipo (ou nenhuma delas) de técnica para se trabalhar neste ambiente. Penso que se acredito que meus alunos devam alcançar a autonomia para que joguem, brinquem e se divirtam sem amarras do rendimento e do esporte hegemônico de hoje em dia - para o lazer, para o encontro social, para o jogo, para a cultura – a técnica é necessária para que o jogo se concretize e a partir disso as pessoas busquem realizar suas atividades de acordo com o que almejam e acreditam¹⁰.

¹⁰ Não posso deixar de lembrar do grupo Dzi Croquettes, o qual, com muita técnica da dança penso ter feito uma prática autônoma de tal atividade. Este grupo, que dominava de modo profissional e com alto nível as técnicas da dança, montava espetáculos de denúncia e de forte cunho político. Eles dançavam e se apresentavam a fim de romper com as imposições e costumes da sociedade e do governo sobre o homossexualidade, a travestilidade, o masculino, o feminino e a repressão da ditadura militar no Brasil, sem nunca corroborar com a dança tradicional que reproduzia os preconceitos e a opressão.

Deixa o menino jogar ô iaiá
Deixa o menino jogar ô iaiá
Deixa o menino aprender ô Iaiá
(NATIRUTS)

Acredito que esta prática autônoma seja possível e que a escola seja o lugar propício para se trabalhar tais questões. Por isso, aproximar a técnica dos movimentos da escola a fim de que a prática das atividades ocorra, a meu ver, possibilita autonomia e criticidade nas práticas corporais.

Sobre o planejamento, item tão estudado e debatido em aulas durante a graduação, o que podemos perceber é que a experiência faz com que o uso desse instrumento se modifique. Apenas com o cotidiano das aulas e do planejamento é possível entender e efetivar a prática com este equipamento. No caso deste estágio, isso foi muito nítido: o planejamento do professor tinha objetivos claros e metas semestrais ou bimestrais, porém, o planejamento de aula a aula era construído e reconstruído cotidianamente, mesmo quando já esboçado anteriormente.

Os rumos que uma aula pode tomar faz com que modifiquemos totalmente os planos para a aula posterior, muitas vezes até mesmo os objetivos são diferentes. Isso porque os alunos são atores desse espetáculo que é a aula, e assim podem construir e modificar dependendo da participação, das dúvidas, dos comentários e das práticas efetuadas durante a aula e fora dela também. Por isso, percebi a importância de se planejar os objetivos e metas semestrais, anuais e/ou bimestrais a longo prazo, porém, deve-se ter a consciência de que mudanças estão a acontecer a todo momento. Além disso, planejamentos semanais devem fazer parte do cotidiano do professor. Planejamento este que permita uma avaliação da(s) última(s) aula(s) e detalhamentos passo a passo do que será importante para a aula seguinte. Fato fundamental é conhecer os alunos, saber de seus cotidianos e de suas realidades e notar detalhadamente a participação na aula, assim como seus avanços, progressos e/ou mudanças.

Quando falamos em planejamento logo nos remetemos aos conteúdos programáticos, aos temas transversais e poucas vezes nos atentamos para a aula em si. Séries iniciais, como o caso do 1º e 2º ano e do 6º ano do Ensino Fundamental, ou ainda o 1º ano do Ensino Médio são desconhecedoras e iniciantes nas aulas daquela etapa escolar. Aprendi muito no estágio supervisionado que às vezes é muito importante fazermos aqueles alunos entenderem como funciona uma aula de Educação Física, para que, a partir disso, eles possam vivenciá-la de um modo mais propício tanto para os alunos quanto para o professor.

O estilo de aula, e os instrumentos que a aula utiliza, são muito importantes – quando bem definido suas ações e intenções – de serem vivenciados, e mais importantes ainda quando são dominados pelos alunos, de forma a serem utilizados por eles para alcançarem objetivos diversos.

As aulas que pude presenciar e participar nesse estágio que relato, me fizeram aprender muito sobre o ser professor, sobre a batalha cotidiana, sobre a paciência com cada aluno, com cada sala, com cada prática mal-sucedida, sobre não ter pressa para que as coisas aconteçam. Lá entendi que o professor tem mesmo um papel fundamental em cada ato com seus alunos e que isso é pra sempre!